

Artigos de autoria de Rubens

93
Coisa velha

e gente nova

RUBENS DE MENDONÇA

Um dos relevantes serviços prestados pelo Dr. Gabriel Novis Neves, quando Secretário da Educação e Cultura do Estado, foi sem dúvida mandar restaurar os originais das "CRÔNICAS DO CUIABÁ" de BARBOSA DE SA'.

O primeiro documento escrito da nossa história merecia esse carinho.

O volume compreende apenas a parte escrita por BARBOSA DE SA' que vai de 1719 até 1825, porque a outra parte: "COMPENDIO HISTÓRICO CRONOLÓGICO DAS NOTÍCIAS DO CUIABÁ, REPARTIÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO", foi escrita por JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA, Capitão reformado do regimento de milícias destas minas, guarda-mór das mesmas, e fiscal dos diamantes. COSTA SIQUEIRA, foi também vereador do SENADO DA CÂMARA, da VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ. O ideal seria se o Dr. Gabriel Novis Neves tivesse mandado imprimir os dois trabalhos, o de BARBOSA DE SA' e de JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA que vai até 1817.

Quando da fundação da Biblioteca Pública do Estado, em 1912, conta o historiador ESTEVAO DE MENDONÇA, no seu livro "e foi naquela noite de NATAL" o seguinte: "Vencida a jornada, ao organizador é grata a recordação do apóio que encontrou da nossa gente, e graças à boa vontade de todos a Biblioteca, ao ser inaugurada, contava por doação cerca de mil volumes, tendo incorporado ao seu acervo os "ANAIS DO SENADO DA CÂMARA DE CUIABÁ".

Esta é uma obra importante que precisa ser divulgada. Cabe agora, na passagem do 150º do aniversário da nossa Independência, ao Professor Joaquim Alfredo Soares Viana mandar editá-los em um só volume. A obra não é volumosa, e seu comentário poderia o ilustre Secretário de Educação e Cultura incumbir um historiador do nosso Estado. Excelente para isso seria o Dr. Virgílio Corrêa Filho, que na opinião do SENADOR JOÃO VILASBOAS: "depois de ESTEVAO DE MENDONÇA é quem melhor conhece a história de Mato Grosso".

Está claro que esta obra sómente interessa os conhecedores da nossa história.

Agora que temos uma UNIVERSIDADE FEDERAL é ocasião propícia para a sua publicação.

Aqui fica a nossa sugestão.

Hoje a poesia é necessária. Nos tempos dos poetas (quando havia poetas), não havia terroristas, toxicômanos, sequestradores e outras pragas. O homem lutava pelo ideal. Era um Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Emilio de Menezes, Vicente de Carvalho, Martins Fontes.

MANUEL BANDEIRA sentiu a morte da nossa poesia e deu o grito de alerta no seu livro "ESTRELA DA MANHÃ", em 1936:

"Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro lá fora,
E em minh'alma — anoitecendo!"

Anoitecer é tornar-se tudo escuro. O negócio é esse de poesia está acabando. A propósito disso, li nas "CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES" este trecho que achei oportuno transcrever: "Não sei se vocês se lembram do que fizeram, certa vez, nas escadarias do Municipal, alguns cabeludos. Anunciaram que iam queimar poemas de amor. Fariam isso por dois motivos: — primeiro, porque eram poemas; segundo, porque eram de amor. E' esse o nosso mundo. Hoje, queimam poemas. Amanhã, queimarão poetas". (O GLOBO de 20-8-71).

Mas, o objetivo desta crônica é falar de uma jovem poetisa, SARA BRUNINI, de 11 anos de idade. Sua poesia é simples. Poesia de menina. Nela fala o sentimento, aliás para mim a verdadeira poesia.

Os versos de SARA são neste estilo:

SORRIA

Sorria para o mundo
Veja o que ele oferece
Amor e compreensão
Pois você merece.

Para o bem e para o mal
Sem a ninguém ofender.

Mas veja neste sorriso
Se há paz e alegria,
Pois não é a vida toda
Que se sorri todo o dia!"

Os versos estão cheios de sentimentos humanos. Quem sorri para o mundo, para o amor, para a velhice, para a criança, sem ofender a ninguém, certamente é uma criatura feliz. Do dia da tristeza, não se sorri e por isso SARA diz:

"Pois não é a vida toda
Que se sorri todo o dia!"

Não se pode exigir de uma menina de 11 anos, poesia filosófica. A sua poesia é simples. Juvenil Galeno era um poeta simples e nem por isso deixou de ser um grande poeta:

"Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento da terra?
Ou queres vento do mar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?"

Quer sossegada na praia,
Quer nos abismos do mar,
Tu és, ó minha jangada,
A virgem do meu sonhar:
Minha jangada de vela

Que vento queres levar?"

Nada mais simples que estes versos, e entretanto, eles são do grande poeta cearense JUVENAL



Página Cultural

Primeira Livraria de Cuiabá

Rubens de Mendonça

SABADO ULTIMO FUI VISITAR A AGENCIA DA LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA S. A. ESTA E A PRIMEIRA AGENCIA DE UMA GRANDE EDITORA QUE SE INSTALA EM CUIABA.

SUBI AS ESCADARIAS DO EDIFICIO "DE ESTEVAO ALVES CORREA", A TRAVESSA JOAO DIAS E LA FUI RECEBIDO GENTILMENTE PELO ENCARREGADO DA AGENCIA SR. MANOEL REIGOTO COM QUEM MANTIVE LONGA PALESTRA.

A LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA S. A. E UMA DAS MELHORES DO BRASIL. QUANDO DESCI AS ESCADARIAS DO EDIFICIO JA ESTAVA PENSANDO EM ESCREVER ESTE ARTIGO. QUAL TERIA SIDO A PRIMEIRA LIVRARIA DE CUIABA?

CONSULTEI VARIAS OBRAS REFERENTES A MATO GROSSO E NEM NAS "NOTICIAS SOBRE A PROVINCIA DE MATO GROSSO", OBRA PUBLICADA EM 1869; DE AUTORIA DO PORTUGUES JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO, QUE AQUI VIVEU E DESCREVE A PROVINCIA DETALHADAMENTE; OU EM BOSSI "VIAGE PINTOESCO", OU NO "DURCH

CENTRAL BRASILEN; DE KARL VON DEN STAINEN, NEM NOS NOSSOS HISTORIADORES JOSE DE MESQUITA; ANTONIO FERNANDES DE SOUZA E VIRGILIO CORREA NAO ENCONTREI ALUSAO ALGUMA, COM REFERENCIA A LIVRARIA.

SABIA, QUE EXISTIRAM EM CUIABA ALGUMAS LIVRARIAS; MESMO PORQUE NAO SE PODE COMPREENDER QUE UM POVO CULTO COMO O CUIABANO; PUDESSE VIVER SEM LIVRARIAS OU BIBLIOTECAS.

NA EPOCA COLONIAL; BARBOSA DE SA; NAS SUAS "CRONICAS DO CUIABA" NAO MENCIONA ESTABELECIMENTO ALGUM DESSE GENERO.

DA DESCRICAO DOS BENS DO SEU INVENTARIO PROCEDIA PERANTE O JUIZ DE ORFAGOS DE CUIABA; NO ANO DE 1776, CONSTA QUATRO ESTANTES, DUAS GRANDES E DUAS PEQUENAS; COM UM TOTAL DE 97 LIVROS; DENTRE ELAS A CELEBRE OBRA "IMITACAO DE CRISTO" "O QUAL FFOY VISTO E AVALLIADO PELLOS MESMOS AVALLIADORES EM CAUSA NENHUMA POR ACHAREM NAM TER VALLOR".

BARBOSA DE SA FOI O PRIMEIRO ESCRITOR QUE MATO GROSSO TEVE. VIVEU EM CUIABA ATE 1776.

NO PERIODO IMPERIAL, AS GRANDES BIBLIOTECAS TAMBE'M ERAM PARTICULARES, COMO AS DO ALMIRANTE AUGUSTO LEVERGER, O BARAO DE MELGAÇO; DO ALMIRANTE ANTONIO CLAUDIO SORDO; DO BISPO DOM JOSE ANTONIO DOS REIS; DE F. CURADO E DO COMENDADOR MANOEL NUNES RIBEIRO; ELAS-IMPORTAVAM LIVROS DIRECTAMENTE DA EUROPA; PRINCIPALMENTE DE PORTUGAL E DA FRANÇA.

LIVRARIA; PROPRIAMENTE DITA; ESTA BELECIDADA EM CUIABA; NAO HAVIA NOTICIA.

TAMBE'M; POR ESSA EPOCA SABER LER E ESCREVER ERA CONSIDERADO LUXO; SO PERMITIDO AS PESSOAS DE RECURSOS FINANCEIROS.

O SEMINARIO DA CONCEICAO, ESTABELECIMENTO DE ENSINO FUNDADO PELO BISPO DOM JOSE — RECEBIA DIRECTAMENTE DA EUROPA; OS SEUS LIVROS DIDACTICOS.

A PRIMEIRA LIVRARIA QUE EXISTIU EM CUIABA FOI FUNDADA PELA FIRMA ANTONIO HOMA'S DE AQUINO & CIA.; SENDO UM DOS SOCIOS FRANCISCO CORREA DA COSTA SOBRINHO. FOI INSTALADA A RUA 1ª DE MARÇO. DEPOIS APARECERAM OUTRAS LIVRARIAS: "SAO SEBASTIAO"; DO PROFESSOR FREDERICO TEIXEIRA; ESTABELECIDA A RUA DA ASSEMBLEIA; HOJE CAMPO GRANDE; A DE VITORINO MIRANDA; A RUA 13 DE JUNHO; DE MANOEL FARIA ALBERNAZ E PINA FILHO.

CONHECI A LIVRARIA SAO SEBASTIAO; PORE'M ELA JA NAO PERTENCIA AO SEU ANTIGO PROPRIETARIO E SIM A SUA VICVA DA BARBITA DAS NEVES.

A LIVRARIA DO "SEB" CHIQUINHO CORREA; LEMBRO-ME BEM DELA E DO SEU PROPRIETARIO.

MUITAS VEZES FUI LA BUSCAR LIVROS

PARA PA
CHEGAVA
CHIQUIN
DA LIVR
BALANÇO
BRANCA;
BEÇA; O
INVAF
PERGUNT

"SEB"
RIA ATE
REIRO D
DA LIVR
NAO ME F
COM
NO MEU
MO EM M
SA LIVR
QUE CIRC
1911; CUF
"VENI
MANT
LATA DE

OLEA
GLESA; V
TINTA
PIAR DO
CASIM
— GRAN
RIVAL.
ARTIC
DOS COM
ORA;
MENTE D
TINTA DE
CRITORIO

EN 19
HOJE LIV
DAS MEL
UNIAO EM
LANÇOU
E DECRET
(1890 A 19
FUNCIONA
EURICO D
TO BEM I
VE NAQU
DA.

EM I
NIZADA L
CAPITAL
MINDO D
BEM DE
PITAL" T
TA ANTON
TIRADA I

DE 1838 E
A LIV
RUBENS
O SR. JO
RO ERA
CAL DO
DEPO
UMA LIV
— EXPUN
MODERN

A IN
RIA JOS
DCVIDA
NOSSO D
SE OLYM

CENTRAL BRASILEIR; DE KARL VON DEN STAINEN, NEM NOS NOSSOS HISTORIADORES JOSÉ DE MESQUITA, ANTONIO FERNANDES DE SOUZA E VIRGILIO CORREIA NÃO ENCONTREI ALUSÃO ALGUMA, COM REFERÊNCIA À LIVRARIA.

SABIA; QUE EXISTISSEM EM CUIABÁ ALGUMAS LIVRARIAS; MESMO PORQUE NÃO SE PODE COMPREENDER QUE UM POVO CULTO COMO O CUIABANO; PUDESSE VIVER SEM LIVRARIAS OU BIBLIOTECAS.

NÁ EPOCA COLONIAL; BARBOSA DE SA; NAS SUAS "CRÔNICAS DO CUIABÁ" NÃO MENCIONA ESTABELECIMENTO ALGUM DESSE GÊNERO.

DA DESCRIÇÃO DOS BENS DO SEU INVENTÁRIO PROCEDEA FRENTE O JUIZ DE ORFÃOS DE CUIABÁ; NO ANO DE 1778, CONSTA QUATRO ESTANTES, DUAS GRANDES E DUAS PEQUENAS; COM UM TOTAL DE 97 LIVROS; DENTRE ELAS A CELEBRE OBRA "IMITAÇÃO DE CRISTO" "O QUAL FFOY VISTTO E AVALLIADO PELLLOS MESMOS AVALLIADORES EM CAUSA NENHUMA POR ACHAREM NANI TER VALLOR".

BARBOSA DE SA FOI O PRIMEIRO ESCRITOR QUE MATO GROSSO TEVE. VIVEU EM CUIABÁ ATÉ 1776.

NO PERÍODO IMPERIAL, AS GRANDES BIBLIOTECAS TAMBÉM ERAM PARTICULARES, COMO AS DO ALMIRANTE AUGUSTO LEVERGER; O BARÃO DE MELGAÇO; DO ALMIRANTE ANTONIO CLAUDIO SODÓ; DO BISPO DOM JOSÉ ANTONIO DOS REIS; DE F. CURADO E DO COMENDADOR MANOEL NUNES RIBEIRO; ELAS IMPORTAVAM LIVROS PRINCIPALMENTE DA EUROPA; PRINCIPALMENTE DE PORTUGAL E DA FRANÇA.

LIVRARIA; PROPRIAMENTE DITA; ESTA BELAÍDA EM CUIABÁ; NÃO HAVIA NOTÍCIA.

TAMBÉM; POR ESSA ÉPOCA SABER LER E ESCREVER ERA CONSIDERADO LUXO; SO FERMITIDO AS PESSOAS DE RECURSOS FINANCIEROS.

O SEMINÁRIO DA CONCEIÇÃO; ESTABELECIDO DE ENSINO FUNDADO PELO BISPO DOM JOSÉ — RECEBIA DIRETAMENTE DA EUROPA; OS SEUS LIVROS DIDÁTICOS.

A PRIMEIRA LIVRARIA QUE EXISTIU EM CUIABÁ FOI FUNDADA PELA FIRMA ANTONIO HOMA'S DE AQUINO & CIA.; SENDO UM DOS SOCIOS FRANCISCO CORREIA DA COSTA SOBRINHO. FOI INSTALADA À RUA 1ª DE MARÇO. DEPOIS APARECERAM OUTRAS LIVRARIAS: "SÃO SEBASTIÃO"; DO PROFESSOR FREDERICO TELXEIRA; ESTABELECIDAS À RUA DA ASSEMBLEIA; HOJE CAMPO GRANDE; A DE VITORINO MIRANDA; A RUA 13 DE JUNHO; DE MANOEL FÁRIA ALBERNAZ E PENA FILHO.

CONHECI A LIVRARIA SÃO SEBASTIÃO; PORÉM ELA JÁ NÃO PERTENCIA AO SEU ANTIGO PROPRIETÁRIO E SIM À SUA VIÓVA D. BABITA DAS NEVES.

A LIVRARIA DO "SBO" CHIQUINHO CORREIA; LEMBRO-ME BEM DELA E DO SEU PROPRIETÁRIO.

MUITAS VEZES FUI LA' BUSCAR LIVROS

PARA PAPAI. TODAS AS VEZES QUE LA' CHEGAVA; SE DAVA O MESMO FATO: "SBO" CHIQUINHO; ESTAVA NUMA SALA AO LADO DA LIVRARIA; SENTADO NUMA CADEIRA DE BALANÇO; DE CALÇA BRANCA; CAMISA BRANCA; COLETE PRETO E CHAPEU NA CABEÇA; O QUAL NUNCA RETIRAVA.

INVARIAVELMENTE ME FAZIA A MESMA PERGUNTA; MENINO, COMO VAI SEU PAI?

"SBO" CHIQUINHO MANTIEVE A LIVRARIA ATÉ O SEU FALLECIMENTO; 3 DE FEVEREIRO DE 1932.

DA LIVRARIA SÃO SEBASTIÃO; QUASE NÃO ME RECORDO.

COMO NOTA PITORESCA; REGISTREI NO MEU LIVRO "HISTÓRIA DO JORNALISMO EM MATO GROSSO"; UM ANUNCIO DESTA LIVRARIA, FEITO NO "DEBATE"; JORNAL QUE CIRCULOU NO DIA 26 DE SETEMBRO DE 1911; CUJO ANUNCIO ERA O SEGUINTE:

"VENDA NA LIVRARIA SÃO SEBASTIÃO — MANTEIGA INGLESA DE PURO LEITE — LATA DE MEIO QUILO 3\$800

OLEADO PARA MESA DE FABRICAÇÃO INGLESA; VARIADOS PADRÕES .. 5\$000, 6\$000; 7\$000 E 8\$000

TINTA INGLESA PARA ESCREVER E COPIAR DO FABRICANTE STEPHENS.

CASIMIRA INGLESA CORTE PARA TERNO — GRANDE SORTIMENTO A PREÇO SEM RIVAL.

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIOS — SORTIDOS COMPLETOS E PREÇOS REDUZIDOS".

ORA; DE MATERIAL DE LIVRARIA; SOMENTE DOIS ARTIGOS ERAM ANUNCIADOS: TINTA DE ESCREVER E ARTIGOS PARA ESCRITÓRIOS.

EM 1928 APARECEU A LIVRARIA UNIAO; HOJE LIVRARIA UNIAO CARVALHO; UMA DAS MELHORES DE CUIABÁ. A LIVRARIA UNIAO EM 1935; TURNOU-SE EDITORA E LANÇOU UM LIVRO "INDICADOR DAS LEIS E DECRETOS DO ESTADO DE MATO GROSSO (1889 A 1935); OBRA ORGANIZADA POR UM FUNCIONÁRIO DO TESOUREIRO DO ESTADO; SR. EURICO DE CAMPOS; TRABALHO ESTE MUITO BEM FEITO; MAS INFELIZMENTE NÃO TEVE NAQUELE TEMPO A ACMTAÇÃO DESEJADA.

EM 1930; TEVE CUIABÁ SEM SEM ORGANIZADA LIVRARIA; A RUA 13 DE JUNHO; "A CAPITAL"; SEU PROPRIETÁRIO; SR. CARMINDO DE CAMPOS; IMPORTAVA LIVROS TAMBÉM DE PORTUGAL. A LIVRARIA "A CAPITAL" TAMBÉM EDITOU UM LIVRO DO POETA ANTONIO TOLENTINO DE ALMEIDA "A RETIRADA DA LAGUNA" (POEMA).

DE 1938 E FOI FUNDADA PELO PROFESSOR A LIVRARIA SANTA TEREZINHA DATA RUBENS DE CARVALHO; SENDO SEU SOCIO O SR. JOÃO EUGENIO GONÇALVES PINHEIRO ERA A LIVRARIA MAIS NOVA; MAS O LOCAL DO "BATE PAPO".

DEPOIS O SR. CAMILO CURY FUNDOU UMA LIVRARIA A RUA CANDIDO MARIANO — EXPUNHA OS LIVROS POR UM SISTEMA MODERNO.

A INSTALAÇÃO DA AGENCIA DA LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA S.A. VAI SEM DÚVIDA CONCORRER PARA AUMENTAR O NOSSO DESENVOLVIMENTO CULTURAL. JOSE OLYMPIO É UM GRANDE EDITOR.

ina
tural

rraria de
á
donça

TAR A AGEN-
ÉPIO EDITORA
AGENCIA DE
E INSTALAÇÃO
EDIFICIO "DE
A TRAVESSA
DO GENTIL—
DA AGENCIA
URM MANTI—

O EDITORA S.
DO BRASIL
AS DO EDIFI-
I ESCRIVER
IDO A PRI-

AS REFEREN-
IAS "NOTICIAS
GROSSO",
AUTORIA DO
RA MOUTI-
REVE A PRÓ-
J EM BOSSI
DO "DURCH

Literatura

1. Rubens, Um antologista
2. Gosto de Pazar Histórias e Estórias..
3. Monotonia -Eta Sol Resta-

O Autor da Obra

1. A palavra está no dicionário: a 2ª gén Pessoa que estuda flôres; organizador de antologia.
Rubens deve ser antologista nos dois sentidos.
Como poeta, se lêvea deveu interessar-se (seja como metáfora) e como escritor, tem dedicado grande parte de seu tempo à elaboração de antologias. A que temos à mão traz como título: — "Poetas Mato-grossenses, datada de 1958, e numa relação que a mesma apresenta, incluem-se: — "Poetas Borirões" — (1944).



A Antologia não pode ser portanto considerada como uma atividade fortuite no conjunto da obra de R.M., e porque o escritor é um marco nas letras cuitanas, exigimos muito de seu trabalho, que já sendo pioneiro, deve ser também modelar.

Em "Poetas Mato-grossenses", notamos a falta de uma apresentação que justificasse o critério de seleção dos autores e que pudesse auxiliar o leitor numa avaliação crítica do conjunto.

Ao invés desta introdução que reclamamos, R.M. ocupa as páginas de 7 e 9 com uma síntese (bem sintética) do panorama literário mato-grossense, tratado dessa forma o historiador que não permanece vigilante.

Também, na apresentação de cada autor, pediríamos uma ligeira análise que situasse melhor cada um, na literatura universal e sobretudo regional.

Mas, estas reservas, naturalmente, não podem diminuir dúvidas sobre o inestimável valor da obra de R.M., e sobretudo de sua atividade como antologista.



2. A obra para o autor

O PRIMEIRO LIVRO

A pergunta é um pouco vaga, não sei meu amigo se você se refere ao primeiro que li, ou o primeiro que escrevi. Mas acredito que seja o primeiro que publiquei: "Luzes do Meu Sonho", versos, 1938, 11p. Caldas.

Se fosse pra valer como seria os seus 250 anos? Para valer mesmo, os 250 anos ainda não terminou, 250 anos, para mim começou no dia 8 de abril de 1979.

Gosta de fazer histórias? e estórias?
Gosto de fazer histórias e estórias e acho o estudo de folclore tão ou mais importante do que o estudo da história.

Tem composição musical?
De música nada entendo. Apenas gosto de ouvir.

Bialtra assustia?
A esta altura da vida, já nada me assusta, nem bialtra nem nada.

Por que falar do regionalismo?
O regionalismo para mim não constitui delírio. Pensei que se deve estudar todos aspectos regionais de um povo.

UIABANO NÃO GOSTA DE TEATRO? POR QUE FALTA UM NA CIDADE DE 250 ANOS?
Não acho que o uiaibano goste de teatro, o não existe mais em Caldas, não os teatro. Em 1577, houve uma Sociedade Particular "Amor e Arte", essa sociedade teatral viveu até 1864. O que temos hoje são poucos autores teatrais: Franklin Cassiano da Silva, Felisiano Galvão de Barros, Padre Raimundo Pombal e Nestor Alfredo, somente vivia escrevendo teatro, hoje graças a Deus apareceu a Prof. Dunga Rodrigues.

QUANDO A LUA VALENTREAR NA LITERATURA?
Nesta pergunta já não tem mais razão de ser. A lua vai sair da literatura, sobretudo da literatura dos poetas. Você já pensou quando alguém lhe disser que

está plantando batatas no Jeju Ora, isso é possível que aconteça.

QUANDO A POESIA É "CHATA"?
— Para mim quando da mal feita.

"RUAS DE CUIABÁ" É DOCUMENTÁRIO?
"Ruas de Cuiabá" é um retrato evocativo da minha terra natal, na passagem dos seus 250 anos, porém nesse mesmo estilo pretendo escrever um livro "Ruas do Campo Grande", já estou coletando o material.

JÁ SAIU PELA TANGENTE?
— Já e muitas vezes.

Quem é Rei perde a majestade? — Ora, isso depende, eu posso lhe assegurar que nunca fui Rei.

COMO ESTÁ HOJE?
— Da mesma forma que ontem.

E O AMANHÃ?
— Melhor.

A GÍRIA É VALIOZA?
— Sim! Não é o povo que faz a língua?

SEUS LIVROS SÃO CARICATURIAIS?
— Não.

O QUE É MELHOR, CASSADO OU CASADO?
Da primeira maneira eu não gostaria de ser e da segunda, não tem mais jeito.

"RUAS DE CUIABÁ" TEM BROKETE?
— Nessa época Cuiabá ainda não era calçada.

E BURACOS?
— Esta pergunta eu acho que deveria ser feita ao meu amigo Moneyr Costa e Silva. Ele escreveu uma quadrinha que bem enquadrava esta pergunta.

O QUE É UM ABACAXI?
— É a gente ter um encontro marcado e aparecer um chato para lhe tomar o tempo. (Encontro naturalmente marcado).

3. A Obra do autor Monotonia



por que será que todas as manhãs O Sol Nasceu do Mesmo Lado?
por que será que todas as tardes o Sol Morreu no Mesmo Lado?
esta que é não se cansa de fazer a mesma coisa todos os dias?
ETA SOL RESTA!

ENTREVISTA

"A história de Mato Grosso morrerá comigo" foi o que disse o historiador Rubens de Mendonça ao ser entrevistado pela aluna Eliete Rosa da Silva, acadêmica do Quarto Semestre de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso. Admirar Gervásio Leite como um dos melhores escritores matogrossenses e dizer que Rubens de Mendonça não tem discípulos são afirmativas dignas de ser pensadas e analisadas por você leitor.

1. Obras: "Aspecto da Literatura Matogrossense", "Garimpo de meu sonho", O Romântico Satanista", "Poetas Bororo", Antologia de Poetas Matogrossenses", No Escafandro da Vida", A História de Mato Grosso".

1 - O Sr. tem mais algumas obras além dessas?
R. Além dessas tenho: "Cascahos da Ilusão", (poesia); "Os Mendonças de Mato Grosso"; Antologia Bororo; "Discurso de posse na Academia Matogrossense de Letras"; "No Escafandro da Vida" (poesias); "Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça"; "História do Jornalismo em Mato Grosso"; "Album do 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá"; "Dicionário Biográfico Mato-grossense"; "Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Sr. Bom Jesus de Cuiabá"; "Poetas Matogrossenses"; A Presença de Estêvão de Mendonça"; Bom Por do Sol (poesias); Bilac - O Poeta da Pátria"; "A Espada que unificou a Pátria"; O Tigre de Cuiabá"; "A Espada que unificou a Pátria"; o Tigre de Cuiabá"; Estórias que o Povo Conta"; "Sagas e Crendices da Minha Terra Natal"; Ruas de Cuiabá"; "História da Literatura Mato-Grossense"; "História das Revoluções em Mato-Grosso"; "História do Comércio em Mato Grosso e Cuiabá"; "Enciclopédia Audiovisual Geo-Histórica".

R. "Roteiro Histórico & Sentimental da vila Real do Sr. Bom Jesus de Cuiabá"; porque escrevi com amor.

7. - O Sr. tem alguma obra a ser publicada?
Está escrevendo alguma coisa no momento?

R. Tenho (9) nove obras prontas: "História de Mato Grosso (em quadrinhos); "Nos Bastidores da "História matogrossense"; "Estórias do Mestre Marcelino"; "Rondon"; "Cabloco Larado"; Livros de minha Estante"; "Humorismo na Política Mato-Grossense"; "Evolução do Ensino em Mato-Grosso"; "Vultos Históricos"; "Beco do Candieiro" (romance).

8. - O Sr. acha que o ato de escrever é um trabalho muito pesado?

R. Não. Não constitui trabalho pesado aquilo que se faz com prazer.

9. - Por que o tema "Garimpo" é constante dos seus livros e poesias?

R. Não é constante. Apenas usei em três livros: "Garimpo do Meu Sonho"; "Cascalhos da Ilusão"; "No Escafandro da Vida"; "Garimpo", quando eu escrevia aqueles livros simbolizava Mato Grosso. Era a riqueza do momento, já a outro livro de poesias dei o nome de "Dom Por do Sol".

10. - Dos escritores matogrossenses, quem mais o Sr. admira?

R. Gervásio Leite.

11. - O Sr. é considerado um dos melhores historiadores matogrossenses, quem o sr. cita como seus discípulos?

R. Infelizmente não tenho discípulos. Creio que a história de Mato Grosso merece ser escrita

12. - O Sr. acha que os seus livros dão, lá fora, a impressão da voz poética de nossa gente?

R. Sim. "Poetas Borôros"; "Antologia Borôro"; "Poetas matogrossenses" e "História da Literatura mato-grossense".

13. Por que a revista "Pindorama", teve vida curta?

R. A revista "Pindorama" teve vida curta, unicamente por falta de dinheiro. Naquele tempo como ainda hoje o é, publicar uma revista é uma forma moderna de heroísmo. Ninguém colabora.

14. - É bastante comum ouvir dizer que quem escreve, direta ou indiretamente, sempre recebe o "EU" da pessoa em situação, com todos os seus fatores psico-sociais. O quanto suas obras se enquadram nesta afirmação?

R. Um pouco da gente fica assinalando a nossa personalidade.

15. - O que justifica sua afirmativa: "João Antônio Neto ficou no modernismo de 1922"?

R. Eu precisava classificar João Antônio Neto dentro do tempo e do espaço. Ele não é modernista. Verdadeiramente, para mim, ele é um grande poeta parnasiano, mas como o parnasiano já passou da moda, classifiquei João Antônio entre Guilherme de Almeida, Menotti Del Pichia e Ribeiro Couto. Poetas, que tomaram parte no movimento modernista de 1922, mas que não eram nem propriamente modernistas e sim parnasianos simbolistas.

16. - O Sr. concorda que há um certo desinte-

seria a sugestão para que atinja o seu público?

R. Sim. Há completo desinteresse. Acho que as Universidades matogrossenses em colaboração com as sociedades culturais do Estado, poderiam despertar o interesse do público.

17. - Qual a sua opinião sobre D. Aquino Correa, considerado por muitos a maior figura da literatura matogrossense?

R. Considero D. Aquino o maior orador de sua época, aliás a seu respeito falei na "História da Literatura Matogrossense".

18. - Como o Sr. descreveria Mato-Grosso de um ponto de vista atual?

R. Como um grande Estado em desenvolvimento

19. - O Sr. acha que o nosso "mui" lembrado Estevão de Mendonça exerceu influência em seus escritos?

R. Não é por seu meu pai, mas, quem quiser escrever sobre a história de Mato-Grosso, tem forçosamente de consultar a obra de Estêvão de Mendonça. Nos meus escritos, ele exerce grande influência. No meu trabalho: "A Presença de Estêvão de Mendonça" citei Rui Barbosa para dizer: "O que sou de meu pai nasci quase exclusivamente, como a água que corre da água que já correu. Esta palavra que uso, em mim diminuída, era dele, o maior orador que jamais conheci. Esta cabeça que tenho, não é mais que uma apagada sombra da sua. Esta paixão da literatura, do direito e da justiça, herdou-me ele, a mais justa das almas, o mais irreduzível literal que eu nunca vi. O amor a Pátria a intransigência honra e firmeza de vontade e culto dos princípios

Um Soneto de Natal

Escreveu Rubens de Mendonça

Da Academia Matogrossense de Letras

A. Antonio, ontem me pediu um artigo sobre o Natal. A "Folha Matogrossense" vai dar uma edição especial e eu quero um artigo seu. Prometi fazê-lo. Peguei a Remington e comecei a escrevê-lo. Logo, porém, fugiu-me a inspiração. Por mais que me estorçasse nada conseguia escrever, ou melhor o que escrevia não me agradava. Fumei, tomei um Wiski e nada de sair o artigo. Então lembrei-me do velho Eça de Queiroz que na agonia de escrever um artigo e sem inspiração, vendo o moço da tipografia tossir na sua porta e não podendo arrancar do crânio ou do peito uma só idéia, agarrou feizmente na pena e deu uma tunda desesperada no Bey de Tunes.

E acrescentava o admirável romancista de "OS MAIAS": "No Bey de Tunis? Sim, nesse venerável chefe de Estado, que eu nunca vira, que nunca me fizera mal algum. Não me importei. Em Tunis há sempre um Bey; arrasei-o". E é justamente assim que me sinto. Todo assunto achei banal. Agora veio-me a lembrança o Soneto de Natal, do Mestre Machado de Assis. Esse soneto eu sei de cor desde criança. Ele lembra o Natal antigo, quando as crianças ainda acreditavam em Papai Noel. Era um Natal alegre e simples. O presépio era feito com figurinhas de Barro, enfeitados de fôlhas de pitomba. O presépio do "Seu" Freitas era o mais visitado.

"Sia" Dina, na Rua da Fé, ainda arma o seu presépio. Quantas vezes ajudei "Dia" Dina a armar o presépio. No Porto, havia grande animação. Gija fazia as suas pastorinhas visitar vários presépios, cantando canções do Natal.

Porisso, hoje, relendo o Soneto de Machado, fiquei emocionado e resolvi escrever esta crônica.

Esse soneto nos fala à alma:

"UM HOMEM, — era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno, —
Ao relembrar os dias de pequeno,
E a vida dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma velha noite antiga

RUBENS DE MENDONÇA

Eu desde criança conhecia o Dr. FENELON MULLER mas nunca dele me aproximei. Em maio ou junho de 1935, ele era Interventor Federal foi que conversei a primeira vez com ele. Achel-o culto, simples e simpático, ele estava preocupado com o problema da navegação fluvial, no rio Cuiabá, achava que dragagem não resolveria o problema, era necessário lançar outro rio no rio Cuiabá não só para aumentar o volume d'água, como também seu aproveitamento para uma usina hidrelétrica. Estava elaborando um estudo sobre o assunto.

O Dr. FENELON MULLER foi um grande jornalista. Escrevia bem e as vezes também fazia versos e versos humorísticos, como por exemplo o "SABAT", publicado no jornal "O EVOLUCIONISTA", em 1936, satirizando o governo do Dr. MÁRIO CORREA DA COSTA:

"Horas mortas da noite,
Aós retirár o último esfria,
Que o "prestigia", sem cessar, noite e dia,
Cmo sua presença amavel e cativante,
O Sapo-Boi reúne a gri sinistra,
Que informações detalhadas lhe ministra,
— Fala primeiro o Jacó:
"Jura bra Deos, canhur, trabalha muuto,
Anda bra esquina, escuta tudo;
Bovo discutentó com sanhur;
Bovo está cum fome, quer danero;
Ranja danero, Sânhur.
Sapo-Boi o fulmina com o olhar:
Grande vagabundo — diz ele —
Nunca houve nem haverá jamais
Nesta terra governo como o meu.
Trago fartura e liberdade e juizo,
Transformo esta "joça" em Paraiso.
— Fala tu Gino Carlo Meneghetti.
O Tenuta pois-se em fé
Signor dottore, isto no, vá bê.
U' povo já non crede na signore.
Adispois que cêntrefrmo o Três Bigode,
I noi memó o ressuscitemo
Fiquemo na disgrazia...
Io só quero a subvençõ:
Due conto e quinhentó.
E dispois: tó..."
É Tenuta fez um gesto
Que por água na boca
Do Antônio Benedito.
Sapo-Boi olhou pro loro
Pendurado num cabide
E resmungou furioso:
"Este gringo quer ser desembargador!
Hei de dar-lhe uma sóva,
Cuja lembrança, há de levar pra cova."
E você Kawaloff,
Que é que fez?
O deputado russo — comunista
Começ sa sua arênga:
"Há fome por aí, há sofrimentio!
Quando virá o dinheiro
Dar pão pra o povo sofredor?
Mostre o seu prestigio,

Que vem próximo,
Ninguém mais ele quer ouvir.
Quer se distrair,
Quer música, quer dança.
Manda vir o grupo das "goiabaa".
Ao som de guitas e pandeiros,
Dançando, saracoteando, rebolando,
Aparecem de chefe o Temperado,
O Princez e o Muculm.
Marcó o ritmo o Rubim.
Mas o Bruto não vibra.
A má notícia o esmaga:
O Tesouro não paga,
A língua do povo não o poupa
Governar? Com que roupa?!"

Dentro da sua sisedez e austeridade ninguém supunha que estes versos fossem da autoria do Dr. FENELON MULLER um dos maiores do Estado, ele foi o primeiro escritor mato-grossense que sociologicamente estudou as regiões culturais do Estado, considerando "cuiabania" a região onde predomina a cultura cuiabana.

Nascido em Cuiabá, a 19 de agosto de 1892, foi o Dr. FENELON MULLER professor de matemática da Escola Normal. Em 1912, seguiu para São Paulo, onde se matriculou na Escola Politécnica, e em 1918 completou o curso de Engenharia Civil, tendo sido o orador da sua turma. Em 1919, foi nomeado para a V Divisão da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Foi o iniciador da construção da Ponte metálica sobre o rio Paraná. Foi Vereador e depois Prefeito Municipal de Três Lagoas. Foi Prefeito de Cuiabá e em 1931 foi nomeado Inspetor Federal de Ensino junto ao Liceu Cuiabano, cargo no qual se aposentou. Em 1935, foi nomeado Interventor Federal no Estado de Mato Grosso e em 1949 foi nomeado membro diretor da Comissão do Planejamento da Produção do Estado. Foi por varias vezes Presidente da Santa Casa de Misericórdia e durante quatro anos Presidente da Associação Comercial de Cuiabá e seu reorganizador, sendo que durante a sua administração que a Associação adquiriu sua sede própria, hoje transformada no Palácio do Comércio.

Em 1956, o Desembargador JOSÉ DE MESQUITA e eu fomos o convidar para fazer parte da Academia Mato-Grossense de Letras, Dr. FENELON declinou do convite alegando não ter livros publicados.

Com o seu falecimento perdeu Mato Grosso um dos seus mais ilustres filhos e a imprensa mato-grossense um grande colaborador.

Ruas de Cuiabá

Rubens de Mendonça

Era interessante a nomenclatura das ruas de Cuiabá. Em 1850 a Câmara por proposta do Vereador Antonio de Cerqueira Caldas, Barão de Diamantino, assim distribuía as ruas da cidade. A maneira é bem interessante. Por exemplo, Rua São Benedito — Principiará no curral do matadouro até seu fim.

Rua do Carmo — Principiará do curral do matadouro até o seu fim.

Rua do Baú — Principiará da Ponte do açougue até à estrada da Chapada.

Rua da Mandioca — Principiará do beco empinado até a última liça.

Rua Augusta — Principiará do largo da Mandioca e sairá no largo do Palácio (atual rua Pedro Celestino).

Rua do Comércio — Principiará da casa do Manduzinho até ao largo da Sé (atual rua Ricardo Franco).

Rua do Campo — Em toda a sua extensão até o Campo d'Ourique., (atual rua Barão de Melgaço).

Rua da Fé — Em toda a sua extensão. (atual Comandante Costa).

Rua Bela do Juiz — Principiará da casa da Câmara (hoje Correios e Telégrafos) e irá até o rio.

Rua da Esperança — Principiará da casa de Constantino Pinto Botelho e irá até o largo do Ipiranga. (Rua Antonio João).

Rua da Boa Morte — Desde o seu largo até o fim (Cândido Mariano).

Rua do Cemitério — Desde a descida até ao fim (Rua Batista das Neves — Segundo me informou o

tista das Neves foi dado por seu Pai, o saudoso Benedito Oscar da Fonseca).

Rua do Lavapés — Desde a entrada até a rua do Cemitério.

Rua Municipal — Desde a entrada até o largo da Boa Morte, (atual Rua Marechal Floriano).

Rua da Sé — Desde a cadeia até aos fundos da chácara de D. Isabel (Esta rua não consegui identificar).

Rua Formosa — Desde o teatro até as últimas casas (Joaquim Murtinho).

Rua Direita — Tem princípio desde a esquina do sobrado onde mora o sr. Bispo até o sobrado do Lara (Galdino Pimentel).

Rua do Senhor dos Passos — Deve principiar da esquina do sobrado do Lara, Praça Dr. Alberto Novis, até a casa do Lauriano. (Rua 7 de Setembro).

Beco do Candieiro — Principiará da casa do José Pinto Miranda e terminará na esquina da venda do Camarão (É o mesmo Beco do Candieiro de hoje).

Rua da Prainha — Principiará do sobrado do Malheiros (Palácio das Agulhas) e terminará na ponte do Mundéu (Praça Bispo Dom José).

Rua da Misericórdia — Deve principiar da esquina da casa de Bento José Ferro e findar na esquina da Santa Casa. (Cel. Peixoto).

Rua dos Prazeres — Principiará na chácara de José Mariano (atual General Vale) e terminará no Areão.

Rua dos Pescadores — Principiará da esquina da casa de Joaquim José de Sampaio e irá ao lar-

Rua do Porto — Principiará da esquina da casa do Ferreira Velho e irá até o cais (15 de Novembro).

Rua do Rosário — Principiará da rua Augusto e irá aos fundos da chácara do Jarzem.

Travessa da Alegria — Desde a ponte do Coelho ao fundo da chácara de Paulo Fernandes. (Travessa Voluntários da Pátria).

Travessa da Assembléa — Desde a praia dos fundos da dita chácara (Rua Campo Grande).

Travessa do Palácio — Da praia ao largo da Boa Morte. (Da Prainha até o largo da Boa Morte. (Rua Cândido Mariano).

Travessa da Câmara — Da Ponte do Mundéu até à rua da Fé. (Travessa João Dias).

Travessa Vilas Boas — Desde o córrego até à chácara do José Gomes da Silva. (Avenida Generoso Ponce).

Travessa da Independência — Desde o começo ao fim do vale (Avenida Dom Bosco).

Travessa de São Gonçalo — Desde o seu largo até à casa da polícia.

Beco Torto — Da rua Augusta a rua do Comércio, (Desde a casa do Jornalista Emanuel Ribeiro Daublan, onde morou o irmão do Tiradentes, Padre Domingos da Silva Xavier, (hoje Travessa 21 de Abril).

Todos os largos conservarão os mesmos nomes.

Era essa a nomenclatura das Ruas de Cuiabá, em 1850. Há 125 anos, os nomes, alguns mudaram, mas as ruas ficaram com as suas histórias e as suas lendas.

OS 4 ANOS DO DC

LUBENS DE MENDONÇA

Parece que foi ontem. Alves de Oliveira me convidou: vou fundar um jornal e conto com a sua colaboração. Prometi colaborar. Muita água correu por baixo da ponte. Os dias passaram. O "Diário de Curitiba" circulou naquele dia 24 de dezembro de 1968. Era o n. 1. O de 14 do corrente foi o de n. 1.000. Quanta luta! A imprensa, o jornalismo é uma profissão ingrata. Quantos dissabores não passa um jornalista, as vezes por publicar uma simples notícia?

Acontece um fato. Vai o repórter e noticia. No dia seguinte, no mínimo recebe uma decompostura pelo telefone, isso quando o Repórter está com muita sorte fica só na decompostura. A notícia imparcial é o que interessa ao público. Antigamente jornalismo era panfletário. Hoje caiu da moda. No tempo de Gomes Leal, o jornalismo era como descreveu o grande poeta:

"Tu não sabes que glória é ser panfletário!
É ser o que tu foste, o vento extraordinário
que agita as multidões como um canavial". Esse era o jornalismo dos velhos tempos.

Hoje a imprensa mudou. Quem escrever jornal nesse estilo, não terá leitores. A modificação se operou no Brasil e no mundo. — Quantos jornalistas não foram espancados, corridos ou assassinados? O jornal é uma arma de dois gumes.

Se não fosse a imprensa muita coisa não chegaria ao conhecimento do povo. Mas para isso a imprensa deve ser como preconizava Rui Barbosa: "Todo o bem que se haja dito, e se disser da imprensa, ainda será pouco, se a considerarmos livre, leanta e moralizada.

Moralizada, não transige com abusos. Isenta, não cede às seduções. Livre não teme os potentados".

Essa deve ser a linha traçada pelo jornalista de hoje.

trabalha grande número de pessoas nas suas diversas seções: Redação — Fotografia — Revisão — Arquivo — Gravura — Etereolipis — Contabilidade — Publicidade — Relações Públicas — Desenho — Fundição — Oficinas da Rotativa — de Composição mecânica — Distribuição — Serviço Médicos — Portaria, etc.

Isto naturalmente na imprensa dos grandes centros — Rio de Janeiro e São Paulo; nós aqui em Mato Grosso, lutamos com os maiores sacrifícios para manter um jornal, isto sim é o que Monteiro Lobato deveria ter chamado de heroísmo dos tempos modernos. Os nossos jornais para se manterem, lutam com toda a sorte de dificuldade.

Geralmente a composição é manual. Pouca publicidade e mal paga e ainda sofre a concorrência do Rádio (imprensa falada) e da televisãoada. A vantagem da imprensa escrita sobre a falada ou televisionada é que as duas últimas vivem apenas o momento em que são vistas ou ouvidas, e a imprensa escrita fica através dos séculos.

Uma nota divulgada pelo rádio ou televisão vive apenas aquele momento e a escrita faz história.

O valor do jornalista foi decantado por Emilio de Meneses, num soneto que o grande poeta parnasiano homenageou o jornalista Medeiros de Albuquerque.

Fis o soneto de Emilio:

"É sem tirar nem por, um grande jornalista.

Quando erra ou quer errar, erra com matemática.

Faz uma escaramuça e o jogo salta à vista,

mas não há quem resista à formidável tática.

Torce algebricamente a verdade e conquista

o aplauso até de quem tenha frequência e prática.

Sei-o mesmo por mim que apesar de trocista,

Nunca deixo de o ler (restrições à gramática)".

Os dois últimos tercetos não nos interessam

aram **CORSÍNDIO MONTEIRO DA SILVA** para ocupar a Cadeira nº 10, que tem como patrono outro grande jurisconsulto e ilustre cuiabano **PRUDÊNCIO GIRALDES TAVARES DA VEIGA CABRAL** que foi diretor da Faculdade de Direito de São Paulo em 1859 "**DIREITO ADMINISTRATIVO BRASILEIRO**", obra que segundo **SACRAMENTO BLAK**: "Foi um trabalho a que dedicou o autor, vendo a necessidade de obras nacionais que facilitassem o estudo da nova cadeira criada para as nossas faculdades, direito administrativo, embora não fosse objeto de sua cadeira."

CORSÍNDIO não entrou a crédito na Academia. Ele trouxe a sua bagagem que é sem dúvida grande contribuição para a literatura borôro.

O novo academico foi recepcionado pelo genial homem de letras, Desembargador **GERVASIO LEITE** A maior cultura de Mato Grosso.

A festa foi bastante concorrida, presidindo a Mesa, o Exmo. Sr. Dr. **JOSÉ MANOEL FONTANILAS FRAGELLI**, Governador do Estado. Hou

ME DE VASCONCELOS

POR RUBENS DE MENDONÇA

telefone chamou tres Interurbano de Cam- ande. Hoje pela ma da, (domingo 22 4.73) u o dr. José Jaime ra de Vasconcelos i era Amigo de Jaime sconcelos. Conhecia-o ante tempo. E devo- vores. Jail e foi um telecuais de vida mais a que teve Mato Gros pio para Campo Gran- n 1917 e ali se radicou omotor Público. Fun- inda naquela cidade 13 de abril de 1921, ão de imprensa com- . Em 1934, o dr. Edu- Olimpio Machado pre- de Campo Grande, sou o Diretor do Jor- Comércio, por haver jornalista criticado e tido a sua administra-

ção.

O processo corre Tribunal de Segurança cional, sendo o acusado solvido por unanimidad Jornal do Comércio cir em Campo Grande, por ue 20 anos e era um mais bem feitos jorna Estado.

Sua biografia, e ligeiramente, registram no so livro «Dicionário grafico Mato-Grossense

Nasceu no Rio de ro, a 16 de fevereiro de Bacharel em Ciencias dicas e Sociais, pela Faculdade Livre de D do Rio de Janeiro. J Mato Grosso, formou-s farmácia pela Faculda Odontologia e Farmác Campo Grande.

cont. na 3ª p

Guerra, na 9ª Região Militar, Deputado Estadual, Procurador Geral do Estado, ex-Presidente do Conselho Administrativo, Chefe de Polícia, Consultor Geral do Estado, Representante de Mato Grosso na Comissão de Planejamento da Valorização Econômica da Amazônia. Era como advogado, membro correspondente do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, como intelectual pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Membro efetivo da Academia Mato-grossense de Letras, cadeira n. 35, que tem como Patrono o Desembargador Joaquim Pereira Mendes e do Instituto Histórico de Mato Grosso, membro de honra da «Société Academique d'Histoire Internationale», de Paris; sócio efetivo da Associação Brasileira de Imprensa, da Associação Paulista de Imprensa idealizador e fundador da Associação Mato Grossense de Imprensa, tendo por companheiro o dr Benjamin Duarte Monteiro. Era do Rotary Clube de Campo Grande. Oficial de l'Instruction Publique da França, Cav. — Ul. da Ordem da Corôa, da Itália. Oficial da Ordem Nacional do Mérito, do Paraguai, Cavalleiro da Ordem de Isabel la Católica, da Espanha: Oficial da Ordem Nacional do Mérito do Brasil. Em 1949, representou a Associação de Imprensa Mato Grossense no Congresso de Jornalistas na Bahia e em 1959, no 8º Congresso realizado em Fortaleza, Ceará, representou também a Ordem dos Advogados no 3º Congresso Jurídico. Foi Vice-Consul da Bolívia, em Campo Grande, MT. Publicou as seguintes obras «O dr. Antal de Toledo e o Estado de Mato Grosso», Rio 1916; «Processo Civil e Comercial», Rio 1928; «Do Direito Possessório 1932, «Do Domicílio Derivado, nas ações de reivindicação 1934; «A Anulação de Casamento, no Direito vigente, 1932; «O Direito em Ação», edição de Irmãos Pongetti, Rio 1937 Estevão de Mendonça e a História da Mato Grossense, Campo Grande, MT. A Desatualização do Direito e o Retrocesso da Moral, São Paulo, Do Nhanduhy dos Guaranias.

E assim era Jaime de Vasconcelos. Amigo dos seus amigos. Hoje ele de

Mato Grosso na Independência do Brasil

RUBENS DE MENDONÇA

Corria o ano de 1821. O Rio de Janeiro se agitava na campanha pela libertação do BRASIL. A IMPRENSA, porta voz das aspirações do Povo fazia a propaganda da emancipação política. "O REVERBERO CONSTITUCIONAL FLUMINENSE" jornal fundado por JOAQUIM GONCALVES LEDO a 15 de setembro de 1821 deu início a agitação.

Em 9 de janeiro de 1822, frei FRANCISCO DE SAMPAIO redigiu uma representação assinada por mais de 8.000 pessoas, lida por José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Câmara que encerrou com as seguintes palavras: "O navio que reconduzir o Príncipe Real aparecerá no Tejo com o Pavilhão da Independência do BRASIL". Era a campanha do FICO.

DOM PEDRO entusiasmado com o apêlo do povo resolveu desobedecer às CORTES de LISBOA, pronunciando a célebre frase: "Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico. Dou-vos com a minha pessoa a minha Dinastia".

Essa frase foi o passo decisivo para a INDEPENDENCIA. Era impossível voltar atrás, depois desse pronunciamento. A questão apenas dependia do correr do tempo, mais dia, menos dia o BRASIL seria independente. Não havia outra solução. José Bonifácio Gonçalves Lédio, Clemente Pereira, Macanaria, Povo tinha um só pensamento: INDEPENDENCIA DO BRASIL.

Desde as elites até as mais humildes camadas populares só havia esse pensamento. Até que em São Paulo, no dia 7 de SETEMBRO de 1822, o Príncipe Regente pôs o ponto final, com o GRITO DO IPIRANGA.

Em MATO GROSSO, Capitania distante da CORTE também se conspirava. O Tenente Coronel ANTONIO NAVARRO DE ABREU era ardoroso propagandista da nossa INDEPENDENCIA. Navarro de Abreu era cuiabano. Abraçou a carreira militar chegando ao posto de Tenente Coronel e foi Deputado.

Eu procurei nos Arquivos, documentos sobre a participação de Mato Grosso na INDEPENDENCIA DO BRASIL e nada encontrei que esclarecesse o assunto, a não ser uma página dos "Anais do Senado da Câmara de Cuiabá". Também os nossos historiadores mencionam pouca coisa nesse sentido. Desde Leverger Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, João Barbosa de Faria, José de Mesquita.

Estas foram as alegações de Magessi. Com a sua deposição se instituiu uma Junta Governativa e essa Junta apresentou ao Príncipe Regente uma representação alegando os motivos porque depusera o Capitão General e dentre as várias alegações, diz Estevão de Mendonça, nas 'Datas Matogrossenses': "Não há negar Magessi praticou na administração atos de revoltante propotência, e outros reveladores de pouco escrúpulo. Entre os últimos é mencionado o fato de ter se constituido fornecedor de tropas, por interposta pessoa, vendendo por oitenta réis cada cambada de peixe' ou seja pelo dôbro do preço corrente no mercado. Também, é certo que a Junta Governativa o acusou de ambicioso, conoussionário, caprichoso, brutal e hipócrita". Isso era apenas uma justificativa, porque a verdadeira razão da deposição de Magessi se prende ao fato dêle ter sido o Delegado do Rei e o Brasil inteiro se agitava de civismo

nessa fase da nossa história. O sentimento de Independência vivia em todos os brasileiros. Antônio Navarro de Abreu apenas aproveitou o ensejo. Cuiabá era um barril de pólvora, faltava apenas uma faísca para atear o fogo. Navarro de Abreu foi essa faísca.

A Junta Governativa dirigiu os destinos de Mato Grosso até que transformado em Província recebeu a 10 de setembro de 1825, o Tenente Coronel José Saturnino da Costa Pereira, seu primeiro Presidente.

da nossa independência. MATO GROSSO e BAHIA comemoram 149 anos. Mato Grosso aderiu a independência no dia 22 de janeiro de 1823 e a Bahia depois de consolidada a vitória de 2 de julho, em PIRAJÁ.

A JUNTA que governava Mato Grosso em 1823 era composta: Presidente — Ouvidor Antônio José de Carvalho Chaves; Vice Presidente — Tenente Coronel Jerônimo Joaquim Nunes; Secretário — Capitão Antônio Corrêa da Costa; Tenente Coronel Félix Merme; Tenente Coronel Antônio Navarro de Abreu; Capitão João Poupino Caldas; Coronel Vitoriano Lopes de Macedo; Sargento-mor André Gaudie Ley e Reverendo Constantino José de Figueiredo.

A Câmara convocou por edital uma reunião de todas as autoridades e do povo para se manifestarem sobre o acontecimento.

Dom Pedro já havia dado o grito do IPIRANGA. A INDEPENDÊNCIA estava já proclamada e Cuiabá, ainda continuava a ser colônia, foi então que no dia 22 de janeiro de 1823, que o povo, clero, Junta Governativa e demais cidadãos se reuniram em praça pública sobre a INDEPENDÊNCIA do BRASIL.

O documento constante dos ANAIS DA CÂMARA DE CUIABÁ reza: “No dia 22 do dito mês se ajuntaram a Exma. Junta Governativa, e mais cidadãos, Clero e Povo, que tinham sido convidados por edital de 15, para se manifestar e declarar a vontade daquelas respeitáveis Corporações, e Povos, ora presentes, em abundantíssimo número, sobre a INDEPENDÊNCIA DO BRASIL e aclamação de S.M.I. elevada a alta e sublime Dignidade de Imperador do BRASIL e seu defensor Perpétuo, pela Nobre e Leal Cidade do Rio de Janeiro, e por algumas outras cidades e vilas deste vasto Imperio, como constava pelos Diários daquelas cidades números 124, 125 e 126, datados de 15, 17 e 19 do mês de outubro do ano transato, chegados de próximo a esta cidade...

ameaçada pelos inimigos declarados deste Imperio, os degenerados Deputados das Côrtes de Lisboa, que a seu arbitrio, e com descarada perfidia despoticamente a queriam aguilhoar, e escravizar, — portanto haviam por adotado o sistema, a heroica resolução daquela Nobre, e sempre Leal Cidade do Rio de Janeiro, e outras Cidades, e Vilas das proximas provincias, em terem aclamado o mesmo Augusto Senhor Dom PEDRO D'ALCANTARA Imperador Constitucional do Brasil, e seu Defensor Perpetuo, como expressa e declaradamente foi confirmado por todos, pela correspondência, e repetiram dos vivas que foram dados pelo Presidente da Câmara, o Alferes JOSE' DE PINHO E AZEVEDO, o qual aproximando-se a uma janela da mesma, depois de desenrolar a bandeira de que usa a Câmara, sustentada pelo Vereador trasato, o Capitão JOSÉ PEREIRA DOS GUIMARÃES, e em vozes intelegíveis, claras, e altas, disse — VIVA A NOSSA SANTA RELIGIÃO; - VIVA O IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRASIL, E SEU PERPETUO DEFENSOR; — VIVA A IMPERATRIZ, SUA AUGUSTA ESPOSA; VIVA A INDEPENDENCIA DO BRASIL — findando-se com repetidas vivas dados por imenso Povo, que para as ruas, e praças fronteiras tenham concorrido, e assinavam a vereança e mais de duzentas pessoas”.

Isso consta dos “ANAIS DA CÂMARA DE CUIABA

Mato Grosso e a

Independência do Brasil

RUBENS DE MENDONÇA

No domingo passado escrevemos um artigo neste jornal e que mereceu uma nota do nosso confrade Pedro Rocha Jr^o, ilustrado Redator Chefe do tradicional órgão de imprensa da nossa terra "O Estado de Mato Grosso".

Hoje voltamos ao assunto. A chegada da notícia da Independência do Brasil em Cuiabá a 22 de janeiro de 1823, não significa que Mato Grosso não participasse do movimento, partiu desde 1821, com a deposição do último Delegado do Rei, Capitão General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho.

O fato se deu da seguinte maneira: Era Deputado às Cortes de Lisboa, o Tenente-Coronel Antônio Navarro Abreu. O representante de Mato Grosso às Cortes de Lisboa recusou-se a assinar a Constituição portuguesa de 1821, considerou-a Navarro de Abreu lesiva aos interesses do Brasil.

Com essa atitude o representante mato-grossense se retirou para o Brasil. Nessa ocasião o Rio de Janeiro se agitava na mais intensa fase revolucionária que atravessou o país. No dia 5 de junho de 1821, as tropas portuguesas, comandadas pelo General Avilez, reúnem-se no Largo do Rocío, exigindo o juramento das bases decretadas pelas Cortes para a Constituição do Reino Unido, e a demissão e deportação, para Lisboa, do Ministro Conde dos Arcos, grande amigo do Brasil. O Príncipe Regente Dom Pedro apresentou-se no local da reunião e declarou que precisava ouvir a Câmara e os eleitores. Convocados estes e também vários oficiais dos corpos brasileiros de primeira e segunda linha, aceitou a Assembléa todas as exigências das tropas portuguesas. O Príncipe teve a fraqueza em demitir o Conde dos Arcos e consentir que o metessem prêso a bordo do brigue 13 de maio. Andavam as coisas nestes pés.

sória, caso não esperado, não só por ver como tenho governado êstes povos, como pela satisfação em que viviam. Porém, certos orgulhosos entenderam que o Govêrno de um é escravidão, fomentaram esta desordem, corrompendo a tropa da Legião, na dita noite, e embriagando-se de maneira tal que houve official que amanheceu bêbado à porta das casas da Câmara, sendo o cabeça, que se apresentou à frente da tropa, a Tenente Antônio Bernado

de Oliveirã, com mais dois officiais que sendo insinuado por seu cunhado o Capitão de Engenheiros Luis D'Alincourt, deu princípio a êste motim além de outros, que quando eu tiver a honra de beijar a mão de S. A. direi, dando por causa o não quererem receber o meu successor Francisco de Assis; dizendo-me o mesmo Luis D'Alincourt, no dia successivo, o qual se ingeriu, em secretário do govêrno, (e que tudo feito, com o maior subôrno) que era principal motivo, que os movia nesta causa, servindo-lhe de exemplo a Bahia. Porém como o povo viu o modo porque tinha sido iludido, entrou em convulsão, que forem preciso providências grandes para aplacá-lo, arrastando-se a Artilharia, e eu fazendo da minha parte tudo quando me foi possível para evitar uma Guerra Civil por ver as tristes consequências, que daí podiam resultar, lembrando-se da sábia prudência, com que nosso amado Soberano, o estimadíssimo Principe Regente, se tem portado na época presente com os tristes acontecimentos que tem havido.

Depois de alguns dias, vendo que o povo não se sossegava, fêz o dito secretário uma proclamação, dizendo-lhe que estivesse tranquillo; que as medidas, que se tomava, eram para livrar da escravidão em que vivia, sujeito ao Govêrno de um déspota, frouxo, e que tratava mais dos seus interesses privados, do que dos da Capitania. Êste mesmo secretário

gessi:

“Porém aparecendo aqui o Tenente Coronel Antônio Navarro de Abreu, vindo com 45 dias do Rio de Janeiro, entrou a relatar fatos acontecidos nessa cidade a 5 de junho do corrente ano, que pôs à cabeça de tôda esta gente em movimento, fazendo-lhe ver, que não deveria receber o nosso Governador, pe-

lo seu gênio, o qual devia chegar aqui dentro de três meses o que bem se prova pela aceleração com que veio o dito Tenente Coronel; e se o meu govêrno era mau, estava acabado, não tinha nada mais a peccar; pôsto que agora o passo mais inocente, que eu tinha dado, para êles foi um crime, para se salvarem do delito, que cometeram, e servir-lhes de tema para o fim a que se propuseram. Não haverá uma só pessoa, que se queixe do mais pequeno despotismo, e violência, que lhe fizesse; e para provar o quanto tenho trabalhado para aumentar esta Província, basta ver-se e que se faça necessário podera' deduzir mais provas, para fazer ver a minha verdade, e inocência; e como é fruto do tempo, é preciso resignar-me para não aumentar mais o número dos desgraçados, uma vez que êste govêrno fica debaixo das ordens de Sua Magestade; porque, de outro modo, seria mais fácil reduzir-se tudo a cinzas, do que eu as sentir em semelhante caso.

Estou certo, que sua Alteza Real estara' informado do quanto eu tenho feito nêsse govêrno, sem que tenha tido a mais pequena omissão, não só para a sua conservação, como para o seu aumento; e se eu não estivesse confiado no bem, que tenho obrado, e no sossego em que viviam êstes povos, não haveria um acontecimento tal; porque o homem

natal, se GABRIELE D'ANNUNZIO, assinasse GABRIELE RAPAGNETTA, ou se JOSÉ EDUARDO SEGERE não usasse o pseudônimo de PITIGRILLI. O nome exerce um fator psicológico na obra de arte.

Se AMADO NERVO, tivesse assinado JOÃO CRISÓSTOMO RUIZ não seria o grande poeta de "SERENIDAD", mas o poeta alterando o nome talvez houvesse também alterado a sua personalidade, o que levou Luis G. Urbina a escrever a seu respeito: "El versificador estupendo que há dado flexibilidades inconcebibles y músicas recónditas al idioma; el imaginador y plasador de metáforas que deslumbran y emocionan como el sol de un atardecer; el confidente emotivo y delicado que deslie sus melancolias en un ensueño sideral, y unta con unguentos de piedad los corazones transverberados, y es sensitivo y caballeresco, activo y místico, laborioso y extático, es un verdadero, una

pudiera contarte!
Allá en mis años mozos adi
viné del Arte
la armonía y el ritmo, caros
al Musageta,
y, pudiendo ser rico, prefe-
rí ser poeta!

— Y después?

— He sufrido como to-
dos y he amado,

— Mucho?

— Lo suficiente para
ser perdonado . . .”

Nas poesias de AMADO
NERVO há algo de novo que

tu vida en paz.

Si sólo eres sombra que tra-
ga la eternidad.

Por qué te torturas, por qué
sufrir, llorar! . . .

Qué fuiste infeliz una ho-
ra?

pues buscaré . . .

En dónde se encuentra esa
hora?

Pasó . . . no es más!

Tu pobre vivir, malo, bue-
no,

no,

cayendo ya

en un pozo obscuro . . . Las
dichas

qué más te dan,

si apenas adviertes un goce,
ya muerto está?

Serena tu espíritu, vive
tu vida en paz!"

O poeta MANUEL BANDEI-
RA no seu livro "Noções de
Histórias das Literaturas"

a poesia saiu boa ou
bom sei. A fiz para mim
como estou escrevendo
o poeta, não há mal a
sem transcrevê-la;

RUBEN DARIO

Rubens de Mendonça

Um dia desembarcava na cidade de Valparaiso um jovem nicaraguense de dezenove anos, que trazia três camisas dentro de u'a mala e muitas idéias no cérebro.

Esse jovem (estava escrito no livro do seu destino), havia de ser um dos maiores e mais notáveis vultos das letras espano-americanas. De começo dedicou-se ao jornalismo vivendo no Chile dois anos de uma vida obscura. Mas um dia resolveu publicar um livro de prosa e versos o qual intitulou AZUL. Foi um sucesso. O livro lhe valeu a notoriedade. E ruben Dario passou a ser um dos mais brilhantes talentos poéticos, cuja reputação iteraria firmou-se com o seu segundo livro PROSAS PROFANAS E OUTROS POEMAS, livro de transição do parrasianismo para o simbolismo, que lhe grangeou grande influência não só na América, como também na velha Europa, onde foi consagrado pelo critico Juan Vareda como um dos maiores poetas das três Américas.

Basta a transcrição desta poesia em homenagem ao

se:

"Mas al calor de eso Brasil maravilloso,
Tan fecundo, tan grande, tan rico,
tan hermoso,

A pesar de Tijuca y del cielo opulento,

A pesar de ese foco vivaz de pensamiento,

A pesar de Nabuco, embajador, y de Los delegados panamericanos que Hicieron lo posible por hacer cosas buenas,

Saboreé lo ácido del saco de mis penas:

Quiero decir que me enfermé..."

Mas, estes versos, os transcrevi porque eles falam em Brasil, foi uma homenagem que o poeta nos prestou quando aqui estive em 1906, como representante do seu pais na Conferência Pan-Americana, mas a grandiosidade de sua poesia está nos seus versos liricos:

Com sus sutiles filtros la invoca entre, sin hacer ruido; dejo mi a-

un dulce sueño
brigo gris;

voy a besar su rostro, rosado y halala-

de los
rar risueño
Paris."

Estes versos do Soneto Inverno, bem caracterizam a poetica rubendariana. Com ele, escreveu MANUEL BANDEIRA: "o movimento modernista atinge o seu fastigio, definindo-se genialmente tanto em suas principais qualidades - ampla liberdade de invenção nos temas, nas imagens, nos metros - como em seus defeitos - o excesso de gosto do raro e do exótico, a presunção aristocrática, o vocabulário de indiscreto luxo, aquele abandono à musicalidade que certo critico chamou de demasiada música de violinos, o precioso, enfim."

Mas o próprio poeta conceituava na apresentação de PROSA PROFANA:" Como cada palavra tiene un alma, hay cada verso, además de la armonia verbal, una melodía ideal.

dórico Tocantins, seu amigo pessoal na rua 13 de junho. E como foi a história perguntei-lhe? O General respondeu-me: "no dia 11 de junho de 1900, primeiro ano do século, recebi este aviso do Ministério da Guerra:

"Remeto-vos, para os fins convenientes, as inclusas instruções pelas quais vos deveis reger na construção da linha telegráfica de Goiás a Mato Grosso, da qual vos achais encarregado por este Ministério. J.N. de Medeiros Mallet". Era o mesmo Cel. João Nepomuceno de Medeiros Mallet, esclareceu o General, que foi o 4º Governador do Governo Provisório, a dirigir o nosso Estado que agora exercia o Ministério da Guerra. Recebi o aviso e as seguintes instruções:

"Primeira — A linha telegráfica partirá da margem esquerda do rio S. Lourenço, junto à estação deste nome, e irá em demanda da Vila de Miranda, ou até à margem direita do rio Apa, se assim resolver o governo, passando por Santo Antonio do Itiquira, Coxim, Corumbá e Coimbra. Será escolhido entre Coxim e Corumbá um ponto que melhor convier, podendo mesmo ser aquele, para de le tirar um ramal que vá ter diretamente ao local que for escolhido para a concentração das forças do 7º Distrito Militar no vale do rio Aquidauana.

Segunda — Para execução deste trabalho terá o referido capitão um ajudante.

Terceira — Serão executados os estudos prévios que foram indispensáveis para tirar as variantes julgadas necessárias no traçado aprovado pela Repartição Geral dos Telégrafos e enviadas as plantas respectivas ao Estado Maior do Exército e cópias à Direção Geral de Engenharia e àquela Repartição, bem assim a planta do levantamento definitivo de toda a linha construída e o nivelamento longitudinal barométrico de toda a zo-

o Telégrafos aprovado pelo Decreto n. 1. 663, de 30 de janeiro de 1894.

Quinta — Na Delegacia Fiscal do Tesoureiro Nacional em Mato Grosso será posto à disposição do referido capitão o crédito necessário para o pagamento do pessoal e mais despesas de construção.

Sexta — Ao mencionado capitão será abonada a gratificação de comissão ativa de engenheiros, como chefe e aos demais oficiais os vencimentos e vantagens que lhes competirem especificados nas Instruções que regulam os vencimentos militares, aprovados pelo Decreto n. 946—A de 1 de novembro de 1890, combinadas com a Lei n. 247 de 15 de dezembro de 1894. Além desses vencimentos terão mais pela verba com que concorer o Estado de Mato Grosso ou pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas se ao mesmo Ministério vier a passar esse serviço, as gratificações pro labore, que forem marcadas pelo Governo do Estado de Mato Grosso ou por aquele Ministério, pagas pela referida verba.

Os inferiores e as praças terão mais uma diária que nunca excederá, de RS. 1\$000 para os primeiros e de RS \$600 para os últimos, a qual será paga pela verba do Ministério da Guerra.

Sétima — O capitão encarregado dos aludidos trabalhos se corresponderá diretamente com o Ministério da Guerra e com as suas diversas Repartições e solicitará do Comando do Distrito os recursos e auxílios de que por ventura carecer para o bom desempenho desses trabalhos.

Oitava — O referido capitão poderá corresponder-se diretamente com o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas e com a Repartição Geral dos Telégrafos, sempre que o serviço o exigir".

Foram estas as instruções recebidas e as cumpridas com exatidão. E bom salientar que o General Mallet era muito amigo de Mato Grosso.

Marechal Rondon

Estou escrevendo um trabalho sobre o MARECHAL RONDON. Tenho pesquisado tudo que se escreveu a respeito do Bandeirante do Século XX. A vida de RONDON cada vez mais nos surpreende e nos enche de entusiasmo.

Certa vez, em visita que fiz ao General RONDON, na residência do Sr. Odorico Tocantins, nesse tempo ele ainda era General, perguntei-lhe: qual foi o segredo que o Senhor teve para realizar tanta coisa?

Respondeu-me o General: não houve segredo, apenas tive a sorte de saber escolher equipe para o meu trabalho. E isso era verdade RONDON se cercou dos melhores auxiliares. Efetivamente serviram sob as ordens de RONDON, homens da tempera de um Roquete Pinto, Tenente Lira, Horta Barbosa, Jaguaribe de Matos, Ramiro Noronha Amílcar Botelho de Magalhães, Otávio Pitatuga, Dr. João Barbosa de Faria e outros tantos que tudo fizeram para a realização daquilo que THEODORE ROOSEVELT disse: "Nunca vi, nem conheço obra igual. Os homens que a estão realizando são pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem. Um povo que tem filhos desta ordem há de vencer. O século XX pertence-lhe."

Para mim,, este é o maior elogio que se podia fazer ao Brasil.

Na pesquisa da bibliografia referente a RONDON fui deparar com o número da revista, mensal "VISÃO", Vol. 26 — N.º 21 de 28 de maio de 1965, uma reportagem "ELE CIVILIZOU COM AMOR", em que PEDRO ROCHA JUCA, das páginas 18 a 21 da mencionada revista, muito bem focaliza a obra do

nar um futuro melhor".

Depois, Jucá divide os capítulos: A morte; Civismo; O Sertanejo Índio; Pacificação; Não Suportava Ficar Parado. E assim por diante. É uma reportagem muito boa. A capa da revista trás uma fotografia de RONDON, fornecida também por Jucá, como se pode verificar da páginas 16. do aludido número.

Apresenta a reportagem vários clichês: "o velho sertanista pacificou numerosas tribos e acabou com matança de índios", outro clichê do mapa de Mato Grosso e parte do Amazonas, assinalando as Expedições Roosevelt-Rondon — 1913-1914; Expedição Cuiabá — Amazonas 1907-1915; Expedição Cuiabá—Fronteiras — 1900-1906; Expedição Cuiabá—Araguaia com o Major Gomes Carneiro — 1889-1892 e reconstrução — 1892-1900. Outro clichê é de 1944, quando RONDON visitava os boróros em São Lourenço, para matar as saudades e o último clichê apresenta RONDON quando General de Brigada.

O trabalho de Pedro Rocha Jucá é muito interessante e para ele me chamou a atenção do Desembargador Antonio de Arruda, ilustrado membro da Academia Mato-Grossense de Letras e um dos mais destacados juristas do Brasil.

Falando sobre o Desbravador, diz a reportagem: "A contribuição de RONDON à geografia brasileira foi das mais valiosas: corregiu traçados de rios, direção e nomenclatura de serras, posições topográficas de cidades, vilas e povoados, realizou o reconhecimento de rios até então inexplorados (entre eles, o rio da Dúvida, que percorreu em toda a sua extensão com Theodore Roosevelt); fixou relevos de solo; estabeleceu índice de vegetação e pluviométricos; levanta-

Rennó Ribeiro de Oliveira: "por meios brandos e humanos, 40.000 índios unindo as tribos entre si e reconciliando-as com os brancos. Enviou ao Museu Nacional, no decurso de suas expedições, mais de ... 20.000 espécimes vegetais, animais e minerais ainda não estudados, para a classificação científica".

Bastaria somente as obras e os estudos e levantamentos feitos pela COMISSÃO RONDON para credenciar o seu chefe à gratidão dos brasileiros. A obra de RONDON é tão grandiosa que não se pode medir, nem delimitar — ela é o infinito.

Vejamos os estudos publicados pela COMISSÃO RONDON: 1 Relatório, Felix Fleury, 1.907; 2 — variante de Ponte de Pedra ao Utia-riti; João Salustiano Lyra, 1.908; Relatórios de Serviços Astronômicos, Renato Pereira 1.909; Levantamentos entre Zolaruiná e Juruena, Emanoel Amarante, 1.909; Serviços Sanitários, Joaquim Tanajura, 1.909; Serviços Sanitários, Calazans e Pinto Rabelo, 1.909; Geologia, Carl Carnier, 1.909; Etnografia (2 volumes), Cândido Rondon; Exploração do Rio Jacy Paraná, Capitão Costa Pinheiro, 1.910; Botânica (Parte Primeira), F. C. Hoehne, 1.910; Botânica, Atlas, F. C. Hoehne, 1.910, Mineralogia e Geologia, Paes Leme, 1.911; Relatório do Serviço Astronômico, João Salustiano Lyra, 1.910; Botânica (Parte Segunda), F. C. Hoehne, 1.912; Botânica (Parte Quarta), F. C. Hoehne, 1.912 Zoologia (Tabanides), Adolfo Lutz, 1.912; Zoologia, Alípio Miranda, 1.912; Zoologia (Crustaceus) Carlos Moreira, 1.913; Zoologia, Alípio Miranda, 1.914; Zoologia, Alípio Miranda, 1.914; Botânica e Relatório, F.C. Hoehne, 1914; Zoologia, Alípio Ribeiro, 1914; Moluscos Herman Hiering, 1.915; Botânica, F. C. Hoehne, 1.915; Botânica,

Betini Paes Lemes, Mapa do Rio Jauru, Comissão Rodon; Album da Comissão Rondon, 2 volumes. Neste artigo faço com o Mestre Machado de Assis no prefácio da Memórias Póstumas de Brás Cubas": "Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cois é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente, consternará é se este livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco". Eu garanto que este artigo pelo menos terei dois leitores: Os Professores João Vieira e Paulo Lomba. Para mim é quanto basta!

DR. Clóvis Corrêa da Costa

Mato Grosso perdeu nesta semana, um dos seus mais eminentes filhos. Dr. Clóvis Corrêa da Costa. Filho do saudoso chefe político mato-grossense Cel. Pedro Celestino Corrêa da Costa, de quem o historiador Estevão de Mendonça, escreveu no seu livro inédito "MEMÓRIAS DUM CUIABANO": "Pedro Celestino Corrêa da Costa, no atual regime; Augusto Leverger, no segundo império, e Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, no período colonial, marcam na história regional tres fases mais destacadas de governo".

Pois bem, o Dr. Clóvis Corrêa da Costa era médico de notável reputação. Nascido em Cuiabá, a 1º de fevereiro de 1888, formou-se em 1904, em farmacia pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1911, formava-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. De 1917 a 1932, foi assistente do Prof. Fernando Magalhães na Maternidade de Laranjeiras e no Hospital Pró-Matre. Membro da Comissão Sanitária Federal contra a febre amarela no Estado de Pernambuco. Livre docente de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina em 1924; médico da Fundação Gaffrée-Guinle, em 1926, ano em que viajou para Europa em estudo. Chefiou o Ambulatório de Ginecologia do Hospital Gaffrée-Guinle, em 1928; recebeu o prêmio Madame Durocher da Academia de Medicina; foi livre docente de Clínica da Faculdade de Medicina — Cadeira de Clínica Ginecológica, em 1935; em 1937, viajou novamente à Europa, em estudos: foi chefe do Serviço de Obstetria da Divisão de Amparo à Maternidade, em 1938 e em 1940 Diretor da Maternidade do Instituto Nacional de Puericultura exerceu o cargo efetivo de Professor Catedrático da Clínica Obstétrica da Faculdade de Ciências Médicas, em 1940 professor de Clínica Obstétrica

do Curso de Enfermagem da Escola Nana Nery, Diretor da Maternidade Casa da Mãe Pobre, Presidente da Sociedade Brasileira de Obstetria e Ginecologia havendo em 1951, feito nova viagem de estudos aos Estados Unidos. Publicou 91 obras e trabalhos sobre medicina e mais 19 livros, folhetos e conferência, destacando entre elas: "MATO GROSSO DE OUTRORA" (Episódio, reminiscências e costumes), 1965 e MATO GROSSO E SUAS POSSIBILIDADES ECONÔMICAS, 1968.

Do seu livro "MATO GROSSO DE OUTRORA" vamos transcrever esta página evocativa:

"Meu pai tenha um entranhado amor a Mato Grosso, prolongamento da afeição que dedicava ao seu querido Rio da Casca, sítio dos seus pais, na Serra acima, onde pas sou a meninice. Os principais atos da sua política passaram primeiramente pelo crivo — se convinham ou não aos interesses de Mato Grosso.

Na segunda hipótese, não havia força capaz de fazê-lo aceitar, apoiar ou colaborar em qualquer idéia. Assim como muitos pais se sacrificam pelo futuro dos filhos, ele achava que todos deviam trabalhar e esforçar-se pelo engrandecimento da terra natal, embora com sacrifício, mesmo sem compensação material.

Mato Grosso era a divindade, diante de cujo altar todos deviam prosternar-se, como servidores desse culto, dessa religião.

Como não desejava coisa alguma para si, achava que todos deviam ler pela mesma cartilha.

Basta citar um exemplo.

Em uma das vezes em que governou o Estado, irrompeu uma epidemia de varíola na capital. Organizaram-se comissões de pessoas de boa vontade para visitar as casas de família, para ajudar os seus

bilizada para o com
ível mal.

epedemia, desfeita a
fensiva, os religiosos
os extra do hospital
je auxiliaram as au-
tárias foram gratifi-
médicos não foram
bem que tivessem
ços extraordinários e

não pertencessem ao
pital Houve reclamação

A assim prossegu
Corrêa sa Costa o se
miniscências evocam
sua meningite. E' um
crito.

O objetivo desta
prestar uma homenagem
cuiabano que tanto
me de Mato Grosso,

"O ESTADO DE MATO GROSSO"

Para os historiadores MARCELO DE IPANEMA e CYBELE DE IPANEMA: "No final da Idade Média, a humanidade sentia que seu desenvolvimento era dificultado pela falta de um processo de comunicação mais rápido e mais barato e que resultasse numa produção mais volumosa que a obtida através dos copistas. A ausência deste processo era sentida em todas as atividades, das materiais às culturais. Neste setor, então, era dramática a situação nas universidades". (História da Comunicação, Editora Universidade de Brasília, 1967).

O jornal não concepção do vocábulo significa publicação que circula com intervalos regulares, ou melhor diariamente, para divulgar acontecimentos, expressar opiniões ou pontos de vista. A principal finalidade de um jornal é divulgar notícias, assuntos de interesse geral. O jornal deve ser neutro e serenas notícias divulgadas. Enfim a Imprensa cumprir a sua finalidade exige aqueles requisitos que queria RUY BARBOSA: "Todo o bem que se haja dito, e se disser da Imprensa, ainda será pouco, se a considerarmos livre, isenta e moralizada.

Moralizada, não transige com abusos. Isenta não cede às seduções. Livre, não teme os potentes".

Assim no meu ver deve ser a Imprensa.

"O ESTADO DE MATO GROSSO", jornal fundado por Arquimedes Lima, foi fundado a 27 de agosto de 1939, para comemorar o centenário do primeiro jornal impresso em Cuiabá, o THEMIS MATO-GROSSENSE, cujo primeiro número circulou no dia 14 de agosto de 1839. O THEMIS MATO-GROSSENSE era feito em duas colunas largas sobre papel almasso, medindo 0,31 x 0,21 centímetros, e circulava às quartas-feiras. Folha destinada à publicação de atos oficiais, e sua assinatura era tomada em casa de João Alves Ferreira e João

Com a luta travada entre os poderes legislativos e executivo interrompeu a sua publicação, e como órgão do governo apareceu o segundo jornal do Estado — "O CUIABANO OFICIAL", a 30 de julho de 1842.

Arquimedes Pereira Lima comemorou condignamente o centenário da nossa Imprensa fazendo circular o Estado de Mato Grosso, diário de grande tiragem.

Cinco dias após o lançamento de O Estado de Mato Grosso, teve início a Segunda Guerra Mundial 1º de setembro daquele ano. O ESTADO era o único jornal informativo em todo Mato Grosso. Notícias da Guerra trazia diariamente e com clichês.

Nos domingos, "O Estado" tinha um suplemento literário sob a Direção de Gervásio Leite, então Oficial de Gabinete de Interventor Júlio Muller. Colaboravam nesse suplemento dominical: Estevão de Mendonça, José de Mesquita, Otávio Cunha, João Vilasboas, Bianco Filho, Amarillo Novis, Firmo Rodrigues, Ulisses Cuiabano.

Arquimedes fez um jornal de Mato Grosso para o Brasil. Era o primeiro jornal que escrevia no seu expediente: Diretor — Arquimedes Pereira Lima; Gerente: — Gabriel Martiniano de Araújo — Redação e administração: Praça da República n. 2, telefone, 35, Caixa Postal, 39 — Cuiabá. — End. Telegráfico: ESTADO.

Assinatura:

| | |
|------------------|----------|
| Anual | 60\$000 |
| Semestral | 25\$000 |
| Para Estrangeiro | |
| Anual | 140\$000 |
| Nº Avulso..... | \$300 |

E ainda tinha mais. O jornal anunciava: Sucursal no Rio de Ja-

teriormente adquiriu o jornal, o Sr. Júlio Muller que entregou a direção ao Prof. Ranulfo Paes de Barros, tendo como Gerente: Carlos Emílio Bianchi. O jornal é outra vez vendido, agora seu proprietário é o Senhor Arídio Orestes Marinho, sendo Gerente Afonso Pinto Duarte e Redator Chefe Ru-

bens de Mendonça, com a saída de Rubens de Mendonça, passou a ser Redator Chefe o Dr. Lenine de Campos Póvoas.

Em 1959 completou "O Estado de Mato Grosso", vinte anos. Arídio Marinho, ofereceu na Churrascaria Gaucha um churrasco de confraternização à Imprensa local, havendo comparecido: Dr José Jaime Ferreira de Vasconcelos, Agenor Ferreira Leão Prof Nilo Póvoas, Sr. Gabriel Martiniano de Araujo, Desembargadores José de Mesquita e Palmiro Pimenta, Drs. Romulo Vandoni, Sebastião de Oliveira (Paraná), Helio Jacob, Euricles Mota, Lenine de Campos Povoas e senhora Gastão de Matos Muller. Ad-

| | |
|--|---------------|
| Casimiro Mendes | 10 |
| Dr. Francisco Menezes | 50 |
| Dr. Francisco Marques Pinheiro (Diretor do Banco) | 10 |
| João Nunes de Carvalho (Contador do Banco) | 10 |
| Lucidio Martins [Diretor da Companhia] | 50 |
| Dr. Manoel Martins Tôrres (Diretor do Banco) | 20 |
| Manoel Ferreira da Fõnseca | 100 |
| Total | 15.000 |

É ainda do ilustre historiador matogrossense êste conceito configurado no seu livro «Monografias Cuiabanas», volume IV: «Entre as centenas de emprêsas, que o encilhamento empolhou, uma se destina a fazer a ligação financeira expressa no seu título: **Banco Rio e Mato Grosso**».

Encilhamento foi o nome por que se conhece a anarquia financeira reinante no Rio de Janeiro durante a vigência do Governo Provisório (1890 - 1892), e durante a qual chegou a ser alarmante a situação do país, em razão das especulações de valores da Bõlsa e da rapina financeira.

O *Banco Rio e Mato Grosso* funcionava em Cuiabá, em 1905, no prédio onde hoje funciona a Casa Orlando. O «Almanaque Brasileiro Garnier», de 1905, às paginas 203, traz uma fotografia do prédio.

De 1905, 17 anos após, era inaugurada

O Padre Luiz Sutura, Vigário Geral da Capital, procedeu a benção do edifício.

A seguir o sr. Inácio Caldas, Superintendente do Banco de Crédito da Borracha, inaugurando a agência local proferiu uma significativa oração dizendo da significação daquela solenidade, da sua importância e decisiva influência na economia do Estado e do país.

Também fêz uso da palavra o sr. Mario Gonçalves, primeiro gerente do Banco, em nossa capital.

O primeiro contrato, após a cerimônia, foi a assinatura do financiamento realizado entre o Banco de Crédito da Borracha com a firma do engenheiro Miguel Carmo de Oliveira Mello.

Na mesma ocasião foram entregues à agência do Banco, dois lotes de borracha «hévea», um pela firma Junqueira & Cia. misto de dois tipos codio e laminada e outro da Sociedade Comercial Latex do Brasil, constituído exclusivamente de borracha laminada e defumada.

Cuiabá, em 1943, iniciava o seu retôrno ao progresso. A borracha trouxe consigo o marreteiro^m e o marreteiro descobriu as terras férteis da amazônia matogrossense e a sua fama se espalhou pelo Brasil

A Casa Bancária Máximo Levy operou por muitos anos nesta Capital.

Uma noite na "CANTINA DO NONO", restaurante que havia em Cuiabá na época, disse-me ALVES DE OLIVEIRA: o jornal vai sair. Estou devendo meio mundo, mas o jornal sai.

JORNAL é uma coisa que vicia como pinga. Quem entra numa redação, de lá nunca mais sai. Certa vez o meu saudoso Amigo DR. JAYME DE VASCONCELOS me disse, RUBENS, vendi o meu jornal (JORNAL DO COMÉRCIO, de Campo Grande), porque estou velho, não tenho mais condições de o dirigir, mas também encerrei a minha carreira jornalística. Nunca mais vou vê-lo num jornal, não entro nem na redação para visitar amigos. Mas, à noite ele precisou de falar comigo e teve que me procurar na redação do "SOCIAL DEMOCRATA".

Chegou, mandou me chamar, não quis entrar, falaria na porta da rua. Mas eu insisti para que ele entrasse.

Entrou, sentou-se, eu estava fazendo a revisão de um artigo. Revisão de jornal é a pior coisa deste mundo. É bom a gente ler o que diz MONTEIRO LOBATO: "A luta contra o erro tipográfico tem algo de heroico. Durante a revisão os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas assim que o jornal sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiras Sarcis vermelhas a nos bater a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência ainda não conseguiu decifrar..."

Mas, voltamos ao nosso assunto. Entrou, sentou-se. Tratou do assunto que o interessava e o levou a me procurar, viu a manchete do jornal que deveria circular no dia seguinte e não gostou.

Perguntou-me por que você não modifica essa manchete. Perguntelhe como a deveria fazer, ele fez a manchete e nunca mais saiu da redação. Enquanto esteve em Cuiabá todas as quartas-feiras e sábados ele lá aparecia e me ajudava a fazer o jornal.

FALADO DA VOZ DO OESTE. Na noite da inauguração do programa, após a irradiação, fomos até o BAR PESTIQUEIRA SÃO PEDRO", então à rua do Meio, RICARDO FRANCO, comemorar o acontecimento. Era o primeiro Jornal Falado de Cuiabá. Sentamos em uma mesa para tomar algumas cervejas ALVES DE OLIVEIRA, RAFAEL RUEDA e eu. Como no momento CHAU houvesse chegado no BAR tirou essa fotografia que a publicamos neste artigo.

ALVES DE OLIVEIRA nasceu jornalista e morreu jornalista.

No dia 1º de janeiro de 1969, eu estava conversando com o Dr. FREDERICO CAMPOS, que na ocasião era Prefeito de Cuiabá, quando chegou ALVES e me perguntou: você já viu o meu jornal?

Estava eufórico com a publicação do "DIÁRIO DE CUIABÁ" e mal sabia ele que o fruto desse idealismo, desse sonho acabaria depois do seu aparecimento à sepultura.

O homem quando realiza um sonho, pouco lhe importa a vida.

Já dizia o poeta:

"O morre o homem na vida,
Feliz coberto de glória.

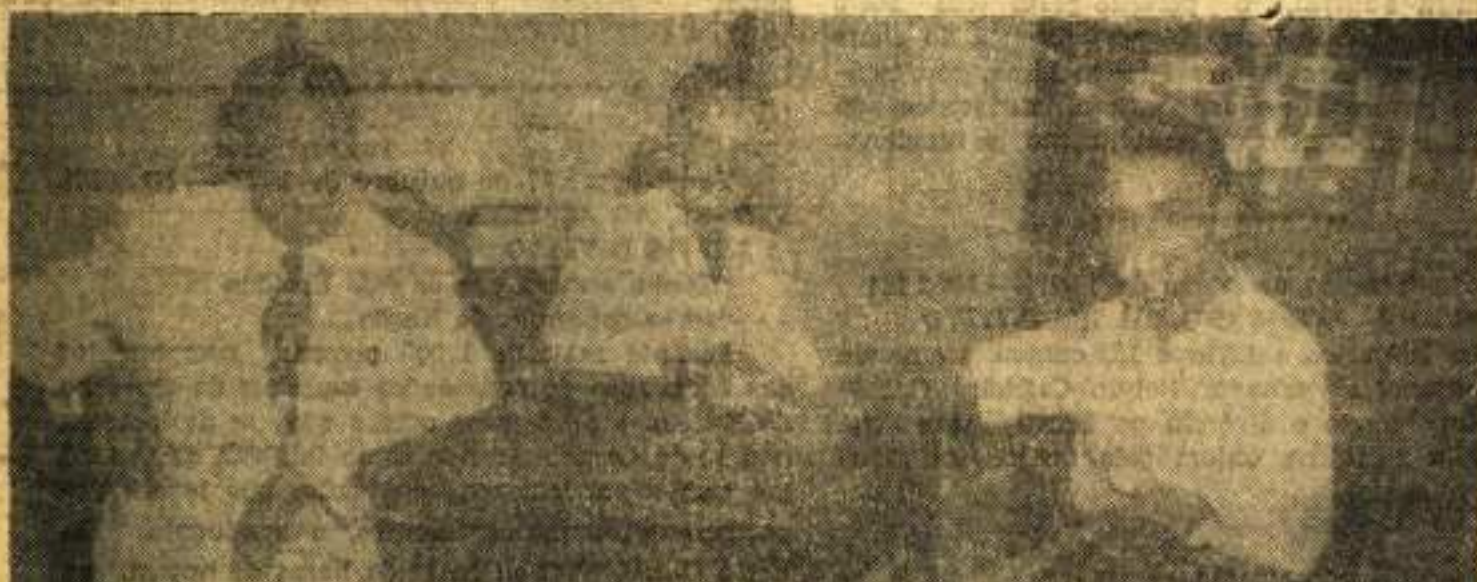
Ou surge o homem com vida
Mostrando em cada ferida

O bino duma vitória."

ALVES morreu, mas a chama do seu ideal não sucumbiu. A sua viúva, D. IRIS CAPILÉ DE OLIVEIRA dando por colaborador de redação esse brilhante e valente jornalista que é ADELINO PRAEIRO prosseguiu na jornada e o "DIÁRIO DE CUIABÁ", completa hoje seus 10 anos de existência, neste dia de NATAL.

O homem morre, mas a memória fica e a memória de ALVES DE OLIVEIRA ficou sonhando e cantando a cidade que ele homenageou dando-lhe o nome ao seu DIÁRIO.

RUBENS DE MENDONÇA



O ESTADO DE MATO GROSSO

Fundado em 27 / 08 / 1939

EDITORA CUIABÁ LTDA.

Cuiabá, 24 de Janeiro de 1979 — (Quarta Feira) — ANO XL — Nº 8.120

Existem Ainda Amigos

Sem verbo eu conhecia apenas o "DISCURSO SEM VERBO", do Bispo de Belém, DOM ANTONIO DE MACEDO COSTA. Agora o PAULO me homenageia com este artigo sem verbo. Fiquei lisongeado e por isso vou transcrevê-lo:

Meu caro poeta Rubens:

Dos membros do nosso Instituto Histórico e Geográfico, dos atuais, claro, o grande e maior expoente sem dúvida, você, o nosso secretário perpétuo.

De berço ancestral ilustre e numa ambiência cultural familiar desde pequeno com seu pai, o inesquecível Estevão de Mendonça, próprios, sem dúvida, para a formação de sua vocação inata de historiador.

Uma coisa difícil no mundo de hoje, no mundo inculto e desintelectualizado de nossos dias, um filho melhor que o grande e famoso pai; um filho mais escritor que o venerável pai; um filho com produção literária bem acima que a do culto pai; um Rubens bem melhor que um Estevão...

Pesquisador de velhos livros, velhos alfarrábios, velhas cartas, mal cheirosos documentos e antigas leis, cartas-régias e livros-tombo, dos poucos historiadores com a preocupação de pesquisa direta nos arquivos.

A sua grande fonte de pesquisa sem dúvida - essa a sua vantagem sobre os demais - o arquivo de seu pai Estevão, os arquivos de acesso mais ou menos fácil de particulares, historiadores ou simples berdeiros de documentos.

Dai o seu trabalho, dai os seus livros, dai os seus artigos de jornal.

Oirundos das exaustivas pesquisas, os seus livros, os seus trinta e tantos volumes sobre nossa historiografia regional e obras de poesia e literatura.

É esse o seu grande mérito. A busca direta nas fontes, o revolvimento completo dos arquivos atrás de documentos, a leitura de extensa bibliografia, para a produção final de um trabalho.

Numa primeira vista d'olhos, a sua 'História do Poder Legislativo', a "História das Revoluções", o "Dicionário Biográfico", a "História do Comércio" dentre muitos outros, sem dúvida produtos dessa cansativa, dessa exaustiva mas reconfortante busca.

As musas, também, a sensibilidade de nosso historiador. Historiador-Poeta, em versos, também a sua produção literária.

Todavia, críticas a você, às inúmeras por aí. Porém, críticas sem profundidade sem substância e produto de mentes inferiores à sua em tudo.

Incapazes da sua produção literária, invejosos de sua facilidade de escritor, os seus baixos e mesquinhos críticos.

Mas qual a acusação? De homem sem estudo, sem escola e sem diploma.

Mas como sem estudo, com toda essa sua imensa publicação de um sem número de obras. A sua escola, a escola da vida, do conhecimento no dia a dia de uma vida inteira. O seu diploma, o de membro do Instituto Histórico e de outras entidades

exclusivamente, como a água que corre da água que já correu. Esta palavra de que uso, em mim diminuída, era dele, o maior orador que jamais conheci. Esta cabeça que tenho, não é mais que uma apaga sombra da sua. Esta paixão da liberdade do direito e da justiça, herdouma ele, a mais justas das almas, o mais irredutível liberal que nunca vi. O amor da Pátria, a intransigência da honra, a firmeza da vontade, o culto dos princípios, o desprezo dos perigos, o fundo religioso dos sentimentos e das idéias, isso tudo é seu. De modo que a cada passo da minha vida, o que sinto do mais íntimo de mim mesmo, é meu Pai. Ele morreu; em mim vive e viverá enquanto alguma coisa de mim restar”.

Se meu Pai com a paciência de um beneditino não houvesse elaborado as ‘DATAS MATOGROSSENSES’ dificilmente teriam aparecidos vários historiadores inclusive este seu amigo.

O meu Amigo Senador JOÃO VILAS BOAS me disse certa ocasião: todos os historiadores matogrossenses se estribam nas ‘DATAS’ para escreverem a nossa história.

Quanto, PAULO, a opinião que alguém possa fazer a meu respeito não dou a menor importância, para mim não tem valor algum. Só aceito críticas de quem tenha, como eu publicados 46 livros. Crítica falada na mesa de BAR para mim não vale nada. Que façam críticas, mas por escrito para que eu possa responder. Bem ou mal, ninguém em Mato Grosso, nos dois, publicou livros mais do que eu. Pode ser que outros fizessem melhores, eu fiz o que pude.



Cuiabá, 18 de fevereiro de 1976, (Quarta-feira) — ANO XXXVII — Nº 7.290

Vila Real do Bom

Jesus: 250 Anos

RUBENS DE MENDONÇA

RUBENS DEMENDONÇA

"Ao primeiro dia do mês de janeiro de elevação a **VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ**:

Eu não vi notícia das comemorações da elevação de Arraial de Cuiabá à categoria de **VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ**. Entretanto, esse ato foi tão importante como a sua fundação. Tão importante, que **EL REI** de Portugal mandou um seu delegado para a cerimônia, o Capitão General Governador da Capital de São Paulo, **DOM RODRIGO CESAR DE MENEZES**.

Nesse 1º de janeiro de 1927, Cuiabá recebeu o seu **BRASÃO**, instalou-se o pelourinho e passou-se à denominação oficial de **VILA DO BOM JESUS DE CUIABÁ**.

Falta apenas dez meses para as comemorações e Cuiabá, marco primeiro de civilização de Mato Grosso, parece que está sendo esquecida.

Quando era vigário da Catedral do Cuiabá o meu amigo, Padre Firmo Duarte, essa importante data não passava despercebida. Ele já estava preparando as festividades. A procissão do Senhor Bom Jesus.

Vejamos como contam os "ANUAIS DO SENADO DA CAMARA DE CUIABÁ a sua e-1727, nesta **VILA REAL DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ**, sendo mandado por S.M., que Deus Guarde, a criá-la de novo o Exmo. Sr. Rodrigo César de Menezes, governador e Capitão General desta Capitania, e que o acompanhasse para o necessário, o Dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto, ouvidor-geral da comarca de Paranaguá, sendo por ele eleitas as justicias, juizes ordinários, Rodrigo Bicudo Chacim, o Tesoureiro Coronel João de Quelrôz Magalhães, e vereadores Marcos Soares de Faria, Francisco Xavier de Matos, João de

Verde e um morro ou monte no meio salpicado com folhetas e granitos de ouro, e por timbre, em cima do escudo, uma fênix, e nomeou para levantar o pelourinho ao capitão-mor regente Fernando Dias Falcão e sobreditos com o dito Dr. Ouvidor, nobreza e povo foram à praça desta Vila, onde o dito Fernando Dias Falcão levantou o pelourinho, do que para constar a todo tempo fiz este termo, que assinou o dito Sr. General com todos os sobreditos.

E eu, Gervásio Leite Rabelo, Secretário deste governo, que o escrevi, dia e era ut supra. — Rodrigo César de Menezes — Antonio Alves Lanhas Peixoto — Rodrigo Bicudo Chacim — Marcos Soares de Faria — Francisco Xavier de Matos — João de Queiróz Magalhães — João de Oliveira Garcia — Luis Ferreira de Almeida — Antônio José de Melo — Paulo Anhaiá Lima — Antônio de Almeida Lara — Matias Soares de Faria — Fernando Dias Falcão — João Pereira da Cruz — Manoel Dias de Barros — Luis de Vasconcelos Pessoa — Manoel Vicente Neves — Salvador Martins Bonela”.

A elevação de Cuiabá à categoria de Vila é tão importante quanto a sua fundação.

Mas, para que a data não passasse des-

lado Juiz — Grupo Escolar Senador Azevedo — Arsenal de Guerra — Cadeia Pública — Estádio Presidente Dutra — Enfermaria Militar — Tanque dos Bugres — Mercado — Casa Trágica — Capítulo VI — Avenida Getúlio Vargas — Bosque — Rua da Boa Morte — Rua do Campo — Rua Formosa — Avenida da Prainha. Capítulo VII — Beco do Candieiro — Nome de Cuiabá — Coxipó do Ouro — Coxipó da Ponte. Capítulo VIII — Festas Populares: Senhor Divino — Touradas — Cavalhadas — São Benedito — Nossa Senhora do Rosário — São João — Natal — Carnaval. Capítulo IX — Danças: Marujadas — Congos — Cururu Siriri — Batuque. Capítulo X — Agora as enchentes do Rio Cuiabá. Capítulo II — Mitos e Lendas: Lobisomem — Bruxa — Porca com Leitões — Negrinho d'água — Curupira — Tibarané — Minhocão do Pari — Mula sem cabeça — Encomendação das Almas — A Macumba do Gregorinho — Quem comeu minha paguera me dá — A Visão — Padre do Bate Bruaca — Assombrações — A Moça do Jardim Alencastro. **CAPITULO XII** — Cosinha cuiabana e nomenclatura da cachaca — **CAPITULO XIII** — O Cavalo — **CAPITULO XIV** — O Turismo Chegou.

A festa de São Benedito deste ano vai ser uma grande festa comemorativa dos 250 de elevação do Arraial à Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá: pelo menos assim prometeu

A Academia Matogrossense de Letras

O antigo Centro Matogrossense de Letras, fundado a 22 de Maio de 1921, segundo a ata preparatória de 2 de Maio de 1921 e instalado solenemente a 7 de Setembro do milésimo citado, foi elevado à dignidade de Academia Matogrossense de Letras, a 7 de Setembro de 1932, e completará, no ano em curso 58 anos de existência à serviço da cultura e desenvolvimento de Mato-Grosso e pois pela grande da pátria.

Evoquemos sua tradição.

Originou-se de convite assinado por José de Mesquita, Lamartine Ferreira Mendes, e João Barbosa de Faria, a que se juntaram Estevão de Mendonça, Miguel Carmo de Oliveira Melo, Carlos Gomes Borralho, Cesário da Silva Padro, Franklin Cassiano da Silva, João Cunha, Virgílio Alves Corrêa Filho, Anna Luiza e Philogonio de Paula Corrêa, 12 intelectuais ao todo, que por sua vez convidaram outros 12 literatos brasileiros, D. Francisco de Aquino Corrêa, Ulisses Cuiabano, Manoel Paes de Oliveira, Palmyro Pimenta, Augusto Cavalcanti, José Magno da Silva Pereira, Otávio Cunha, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Leovegildo Martins de Melo, Raul Vilá, Antonio Fernandes de Souza e Manoel Xavier Paes Barreto, congregando-se 24 sócios fundadores, do Centro Matogrossense de Letras, já tendo falecido 23 sócios fundadores a exceção de Anna Luiza Prado, residente em Campo Grande.

A primeira Diretoria do Centro foi constituída em sessão preparatória a 7 de Agosto de 1921 sendo José de Mesquita, Presidente, Virgílio Alves Corrêa Filho, Vice-Presidente, Philogonio de Paula Corrêa, Primeiro Secretário, Lamartine Ferreira Mendes, Segundo Secretário, Anna Luiza Prado, Tesoureira.

Dom Aquino Corrêa foi aclamado Presidente de Honra do sodalício.

Aprovado os Estatudos do Centro a 17 de Julho de 1921, deliberou-se efetuar a 7 de Setembro a instalação solene do Centro Matogrossense, escolhendo-se 24 nomes do aérópago das letras matogrossenses, composto de brasileiros e estrangeiros obedecendo a seguinte ordem cronológica:

I — Amâncio Pulcherio de França - sócio - José Raul Vilá

II — Antonio Correa da Costa - sócio - Virgilio Alves Correa Filho.

III — Barão de Melgaço - sócio - Estevão de Mendonça.

IV — José Vieira Couto de Magalhães - sócio - José de Mesquita

- XV — José da Silva Guimarães (Cônego) - sócio - Manoel Xavier Paes Barreto.
- XVI — José Thomaz de Almeida Serra - sócio - Ulisses Cuiabano.
- XVII — Luiz de Alincourt - sócio - Antonio Fernandes de Souza.
- XVIII — Manoel Esperidão da Costa Marques - sócio - Otávio Cunha Cavalcanti.
- XIX — Ricardo Franco de Almeida Serra - sócio - José Magno da Silva Pereira.
- XX — Antonio Augusto Ramiro de Carvalho - sócio - Franklin Cassiano da Silva.
- XXI — Ricardo Franco de Almeida Serra - sócio - Miguel Carmo de Oliveira Melo.
- XXII — Prudêncio Giraldis da Veiga Cabral - sócio - Palmyro Pimenta.
- XXIII — Antonio Vieira de Almeida - sócio - Cessário Corrêa da Silva Prado.
- XXIV — Visconde de Taunay - sócio - João Barbosa da Silva.

Elevado o Centro de Letras à dignidade de Academia Matogrossense de Letras, tiveram modificação os quadros dos Patronos com acréscimo de outros sócios efetivos, aumentando a 30 no ano da sua transformação e a 40 em 1944, obedecendo as instruções da Federação das Academias de Letras do país, a que está filiada. Como Academia Matogrossense de Letras, 16 Patronos foram incluídos no quadro seguindo-se à relação total com os respectivos fundadores obedecendo à ordem das poltronas do sodalício:

- 01 — José Barbosa de Sá - fundador - Manoel Paes de Oliveira.
- 02 — Joaquim da Costa Siqueira - fundador - Gervásio Leite Pereira.
- 03 — Ricardo Franco de Almeida Serra - fundador - Miguel Carmo de Oliveira Melo.
- 04 — Pe. Manoel de Siqueira - fundador - D. Francisco de Aquino Corrêa.
- 05 — Antonio Pires da Silva Pontes - fundador

21 — Manoel Corsino Peixoto do Amarante - fundador - Luiz Philippe Pereira Leite.

22 — Visconde de Taunay - fundador - João Barbosa de Faria.

23 — Antonio Gonçalves de Faria - fundador - Raimundo Maranhão Aires.

24 — Aquilino Leite do Amaral Coutinho - fundador - Ovídio de Paula Corrêa.

25 — Amancio Pulcherio de França - fundador - José Vilá.

26 — Joaquim Duarte Murtinho - fundador - Oscarino Ramos.

27 — José Barnabé de Mesquita Senior - fundador - Anna Luiza Prado de Oliveira.

28 — Caetano Manoel da Faria Albuquerque - fundador - Severino Ramos de Queiroz.

29 — Antonio Correa da Costa - fundador - Virgilio Alves Correa Filho.

30 — Manoel Espiridão da Costa Marques - fundador - Otávio Cunha Cavalcanti.

31 — José Delfino da Silva - fundador - Lamartine Ferreira Mendes.

32 — Francisco Catarino Teixeira de Brito - fundador - Anna Luiza Prado de Oliveira.

33 — Mariano Ramos - fundador - Nicolau Fragelli

34 — José Thomar de Almeida Serra - fundador - Ulisses Cuiabano.

35 — Joaquim Pereira Ferreira Mendes - fundador - José Jaime Ferreira de Vasconcelos.

36 — Pedro Trouy - funddor - Luiz Feitosa Rodrigues.

37 — Antonio Vieira de Almeida - fundador - Cesário Correa da Silva Prado.

38 — Frederico Prado de Oliveira - fundador - João Cunha.

39 — Antonio Tolentino de Almeida - fundador - Antonio Cesário de Figueiredo.

se de Letras que em obediência aos Estatudos, proferiram elogios dos respectivos patronos, destacando-o Joaquim Gaudie de Aquino Correa, D Francisco de Aquino Correa, Virgilio Alves Correa Filho, Cesário Prado, Antonio Fernandes de Souza, Ovídio Corrêa, Alcindo de Camargo Franklin Cassiano da Silva, José de Mesquita, Palmyro Pimenta, João Cunha, Isac Póvoas, Antonio Cesário de Figueiredo Neto, Francisco A. Ferreira Mendes e Nilo Póvoas, cujas produções estão incertas nas páginas da Revista do Centro Matogrossense de Letras.

Ao completar 25 anos a 7 de Setembro de 1946, a atual Academia Matogrossense de Letras, celebrou-se o seu Jubileu com festividades solenes, desenvolvendo-se extenso programa com torneios esportivos oferecidos pela Federação Matogrossense de Desportos, sarau litero musical, romaria ao túmulo dos acadêmicos falecidos, recepção solene de novos acadêmicos, missa em ação de Graças na Catedral do Bom Jesus e sessão solene comemorativa do Dia da Pátria e do Jubileu de Prata da Academia.

Sintetizamos nas páginas que aí ficam, a vida do Centro Matogrossense e sua elevação à Academia, sua atividade acultural em 25 anos.

Muito poderemos ainda falar da Academia Matogrossense de Letras que já completou o seu primeiro cinquentenário, honrando a cultura matogrossense e pois a do Brasil. Prossegue o aerópago das letras matogrossense na sua missão dignificadora, enaltecendo o bom nome matogrossense na jornada cultural, engradecendo a terra de Rondon, Joaquim Murтинho, Eurico Gaspar Dutra, Dom Francisco de Aquino Corrêa, Generoso Ponce e

Z é C a p i l é

Eu não acho, nem nunca achei que Zé Capilé, pseudônimo de Frederico Augusto Prado d'Oliveira fosse um bom poeta humorista. Seus versos deixam a desejar. Poetas humoristas em Mato Grosso, considero: Apriglio dos Anjos, Indalécio Proença, João Vilasboas, Antonio Caetano da Costa e Silva e seu filho Moacir Costa e Silva. Em Frederico Prado d'Oliveira havia mais chalaça que humorismo. Em humorismo há espírito ou feição irônica, chalaça é o gracejo pesado. Ele foi o homem da sua época. Foi vereador e Presidente da Câmara Municipal de Cuiabá, comerciante e no jornal "A Coligação", escrevia uma seção "Risos e Frisos", em versos contra o então Presidente do Estado, Coronel Antonio Paes de Barros (Totó Paes).

Naquele tempo (1905), as poesias de Frederico Prado d'Oliveira até que podiam ser humorísticas. Augusto de Lima, dizia no seu Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras: "A moda passa vertiginosamente e o que hoje é engraçado pode amanhã ser desenxabido". Por exemplo: em 1930 o Prof. Filogônio de Paula Correa, leu na Academia Matogrossense de Letras, em uma das "Horas Literárias", uma palestra intitulada "Espírito Cuiabano" que vem precisamente confirmar o pensamento de Augusto de Lima "o que hoje é engraçado pode amanhã ser desenxabido".

Assim também são os versos de Zé Capilé, para a época até que

Priquitada im redo du governo
A xupá tudo nosso suô".

Em artigo publicado numa excelente revista "CIVILIZAÇÃO", editada em Campo Grande, MT em 1934, o Prof. Filogônio de Paula Correa, diz: "Esta denominação apareceu, pela primeira vez, numas quadras de Frederico de Oliveira, o Zé Capilé, feitas para serem cantadas com a música do "Siô Anastaço chegô de viage".

Foi bem aplicada, para a época, que a expressão pegou".

Segundo o sr. João Cunha que foi membro da Academia Matogrossense de Letras, Deputado Estadual, Secretário de Estado, e primeiro Vice-Presidente, do Dr. Anibal Benício de Toledo (quatriênio 1930-1934), e era Pai, do General Gastão Nunes da Cunha, ex-Secretário de Segurança Pública do Governo José Fragelli, era

Menos eu,
Que não dou pra alagoano..."

Ora, humorismo não é bem isso. Isso quando muito era uma sátira, composição poética, destinada a censurar ou ridicularizar de feito ou vícios; qualquer escrito ou discurso picante ou maldizente; censura jocosa, com chiste; com sal pelo menos assim definem os léxicos.

Na poesia Apuração, por exemplo, o poeta nos dá uma idéia precisa daquela época que eu já classifiquei como a época do bacarmarte, tanto Ponce como Totó Paes usavam de convincente expediente político. Vejamos que nos diz Frederico Prado d'Oliveira:

Respeito à lei Uma figa!
Patriotismo - a barriga!
O que não pode o Direito
Pode o braço do capanga!
Demais, o povo sem tanga
Sempre há de ser suspeito:
A não ser esbofeteado
Não puxa o carro do Estado.
Adiante, portanto, siga
O carnaval do terror,
Ferva o samba engrossador,
Viva o reinado da intriga!
Mas, de tanto ir... a bica,
Lá, um dia, - o pote fica!"

Era de fato assim: "O que não
pode o Direito/ Pode o braço do ca-
panga. /Fazem fé, em qualquer
parte,/ Ata falsa e... bacamarte!"

Os assassinatos por motivos

“Ao Estevam de Mendonça
Que é muito versado em lei
Deixo os livros que estudei
Afora um couro de onça,
Uma espingarda sem cano
Um tinteiro sem caneta,
O retrato do BONDETA
O meu cavalo cabano
Macio como jasmim
Por prêmio da biografia
(Oh! Virgem Santa Maria...)
Que há de fazer para mim”.

A poesia de Aprigio dos Anjos se assemelhava à de Bastos Trigre ou Belmiro Braga. Emilio de Menezes por ocasião da entrada de João do Rio para a Academia Brasileira de Letras escreveu versos:

“Na previsão de próximos calores,

A Academia, que idolatra o frio,
Não podendo comprar ventila-
dores,

Abriu as portas para o João do

ULISSES SERRA

Rubens de Mendouça

Faleceu no dia 30 junho último, no Estado de Guanabara, o Sr. Ulisses Serra, escritor e membro da Academia Mato-grossense de Letras. O Extinto era tabelião na cidade de Campo Grande, neste Estado, foi deputado Estadual e membro do Conselho Administrativo.

Pessoa grandemente estimada nos meios sociais de todo o Estado.

Ainda no ano passado Ulisses publicou um livro de crônicas intitulado «CAMALOTES E GUAVIRAS», livro de reminiscências onde o autor justificando o título, diz: «Adolescente galguei os altiplanos da Serra Maracaju e aqui me fiquei indiferente aos cantos de sereis que por vêzes ouvi soar lá fora. A cidade em foi aconchegante. Deu-me muito, ofereceu-me mais. Meu primeiro clube meus idílios, minhas excursões pelas estâncias vizinhas, a cata buliçosa das guaviras, a minha gente generosa e acolhedora, a rua 14, os trolley puxados a dois cavalos com japoneses na boléia, as batalhas de cafetti e serpentinas são laços que me prenderam à terra galhada e da divosa.

Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, allita e errante, esvoaçaria pelo Infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos passaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa».

Entretante quiz o destino que Ulisses morresse distante distante de casa, da sua querida Campo Grande, dos seus amigos.

Santo Ambrósio falando sobre a morte, diz: «A morte é para o justo um porto de salvação; mas, aos olhos do culpado, assemelha-se a um naufrágio. Para o cristão a morte não é um novo sofrimento; é pelo contrário, o remédio que a todos os sofrimentos põe termo».

ULISSES era justo, morreu longe dos amigos, da sua casa, por isso talvez que o poeta espanhol Dom Ramon de Campoamor dizesse um dia:

Visto ser «a má sorte
O único destino que é possível»,
Como diz o Tasso, — fora horrível
A vida, sem o prêmio ter a morte».

PARA A HISTÓRIA

Dentre muitos papéis e documentos deixados por meu Pai, historiador ESTEVAO DE MENDONÇA encontrei este com o título: "PARA A HISTÓRIA", e como se tratava dum dos grandes homens de Mato Grosso, que foi o Coronel do Real Corpo de Engenharia RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA, que em 1801, defendeu gloriosamente COIMBRA do ataque das forças de Don LAZARO DE RIBEIRA ESPINOSA, governador de Assunção, resolvi publica-lo:

"Acta da sessão para exumação dos restos mortaes de Ricardo Franco de Almeida Serra.

Aos vinte e sete dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte e cinco, nãs ruinas da Igreja de S. Antonio dos Militares, nesta cidade de MattoGrosso, depois de solenemente installada a meza organizadora dos trabalhos, presidida pelo Professor Heleodoro Antunes Cassiano que convidou a mim Benedicto Alves Bastos para servir de Secretário, e com a presença das autoridades Federaes, Estadoaes, Municipaes as Ecmas. familias e grande massa popular, tendo em uma das portas lateraes a Guarda da Policia Estadual, em homenagem ao grande morto. Eng^o Ricardo Franco de Almeida Serra, de accôrdo com a previa autorização do Exmo. Snr. Dr. Virgilio Alves Corrêa Filho, Secretario Geral do Estado, cujos despojos deverão ser remettidos para Cuyabá.

Identificando a sepultura do illustre morto, que segundo a opinião geral é a que existe ao lado direito do centro da dita Igreja onde tambem achava-se um pedaço de taboa de incripção, com os seguintes caracteristicos: C — Q — defe-n-fales — Aqui — e noutro pedaço: deu — em 1 — 0 mes — ue; procedeu-se a excavação numa área de 2X3 com uma profundidade de 1,m50 pelos srs. José Garcia da Silva, Paulo Bispo de Oliveira, Carlos Fernandes de Britto, Martinho Ferreira de Souza e Gregorio Francisco da Silva, que trabalharam desde às 10 horas até às 17 horas, e apenas foram ali encontrados algumas peças de aparatos militares, taes como: botões, fivelas, depaços de galões, duas peças exphericas, parte componente da banda, alguns residuos de panno, restos de botinas e varios pedaços de ossos.

Secretário Geral, pelo custeio de toda despesa por conta do Estado, entendeu-se a nossa Camara Mu-

nicipal de tomar a si esta responsabilidade, correndo portanto a referida despesa por conta deste municipio. E nada mais havendo a tratarse lavrou-se assim a presente Acta que lida vai portodos assignada. Eu, Benedicto Alves Bastos servindo de Secretário a escrevi e assigno. Matto-Grosso, 27 de Setembro de 1925. Heleodoro Antunes Cassiano, Presidente; Benedicto Alves Bastos, Secretário; José Fernandes Leite, Nilo Leite Ribeiro, Manoel Satyro Ferreira Coelho, Zeferino Propheta da Cruz, Antonio Carneiro Geraldés, Petronillo Leite de Souza, João Pedro Villabôas, Sebastião Canuto Maciel, Firmino Bispo de Freitas, Appolonio Pancrácio de França, Carlos Pereira Leite, Benes Farias da Neves, José Garcia da Silva, Carlos Bispo de Oliveira, Carlos Francisco de Britto, Martinho Fereira de Souza, Gregorio Francisco da Silva, Thomé Canuto Maciel, Joaquim Hypolito da Silva, José Cassiano de Assempção, Manoel Pedro Aranha, Manoel do Carmo da Cruz, João Marciano de Cerqueira Caldas, Antonio Simplicio de Lisbôa.”

Era o que continha o documento.

Agora pergunto por que teriam supultado o Tte. Laurindo Jorge Mineiro, no túmulo de RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA? Ignorância ou vontade de profanar o túmulo do herói de Coimbra?

Quando diante de Coimbra deu RICARDO FRANCO a altiva resposta à arrogante intimação de D.

escreveu ao Capitão General CAETANO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO — Esta ação (refere-se ao ataque) é pouco gloriosa às Armas Espanholas, e tendo aquele Governador (Don Lázaro) um carácter ativo e orgulhoso, não há de querer levar esta nódoa que lançou no seu nome. Portanto se as negociações da nossa Corte com a de Madri não tiveram tomado melhor figura, bem vê V. Excia. que deve esperar outro ataque que mais vigoroso, para o qual longe de poder rescindir, antes careço mais do auxílio que tenho pedido a V. Excia.”

Pois bem, o túmulo de herói foi profanada. RICARDO FRANCO poderia dizer: “INGRATA PÁTRIA, NE OSSA QUIDEM MEA HABES” — Ingrata Pátria. não terás nem meus ossos .

Diário de Cuiabá

ANO X — CUIABÁ, (3ª FEIRA), 17 DE JANEIRO DE 1978 - Nº 2350

Historiador fala sobre a casa abandonada da Barão de Melgaço



“casa abandonada” da Barão de Melgaço, ao lado da outra, Clube Esportivo Ferrol, bem no centro da cidade e servindo de local para “encontros muito recomendáveis”.

O historiador Rui de Mendonça, na edição de ontem, em entrevista dada ao “DC”, falou sobre a “casa abandonada” que existe na rua Barão de Melgaço, esquina com o também abandonado Clube Esportivo Ferrol. Sobre o assunto, o historiador relembrou ter sido ali a residência de seu pai, entretanto, atualmente, a casa está completamente em ruínas e servindo de lugar de encontros muito recomendáveis.

O “DIÁRIO DE CUIABÁ” publicou nota a respeito do local, onde os casais amorosos e homossexuais fazem pontuais encontros e, até altas horas, perturbam a quietude dos moradores vizinhos ao local da casa abandonada.”

(Página 1)

ao lado

HISTORIADOR RUBENS DE MENDONÇA FALA SOBRE A CASA ABANDONADA

O DIÁRIO DE CUIABÁ, em sua edição de 23 de dezembro do ano passado, publicou uma nota com o título CUIABANO NÃO GOSTA DE CUIABÁ, na qual trazia uma tofografia da casa à Rua BARÃO DE MELGAÇO, situada com a Rua CAMPO GRANDE, vista da casa onde viveu e faleceu o historiador matogrossense ESABÃO DE MENDONÇA e onde atualmente também reside o seu filho, historiador RUBENS DE MENDONÇA.

A reportagem do DIÁRIO DE CUIABÁ, sabedora que as chuvas ultimamente vem derrubando várias casas na cidade, procurou entrevistar o historiador RUBENS DE MENDONÇA.
DC — Historiador RUBENS DE

MENDONÇA, quem é o proprietário dessa casa abandonada?

RM — ALVARO DUARTE MONTEIRO.

TEIRO.

DC — A quanto tempo ela está abandonada?

RM — Depois da enchente de 1974, pois naquela ocasião ela serviu de abrigo aos flagelados.

DC — O senhor sabe o motivo?

RM — Tratava-se de uma desapropriação, mas o proprietário foi indenizado, conforme ele mesmo me declarou.

DC — O senhor não tem medo que ela desabe e arraste a sua casa?

RM — Por consideração ao ALVARO, que é meu amigo, ainda não havia tomado nenhuma providência, mas depois da nota do seu jornal, então resolvi procurar o meu advogado e ele me mandou que procurasse um engenheiro e mandasse fazer um laudo.

Já estou com o laudo pronto.

DC — E qual a providência que o senhor vai tomar?

RM — Alugarei uma casa mudarei. Agora tem que ser uma grande e bem localizada. Grande, F que só de livros, eu tenho 20.000 exemplares.

DC — E quem vai pagar a despesa?

RM — Segundo meu advogado, naturalmente o proprietário que abandonou o imóvel propositamente não tomou providências para evitar acidente.

DC — O barulho produzido por vagabundos que a noite entram na casa abandonada não lhe incomoda?

RM — Incomodar, incomoda mas eu fiz tudo para não brigar com ALVARO.

DC — E agora?

RM — Agora a minha paciência se esgotou.

Estevão de Mendonça
Da Academia Matogrossense de Letras



Estevão de Mendonça

Imprecisos são os elementos históricos no tocante á época em que, pela primeira vez, foi explorado o território que constitue o Estado de Mato Grosso.

Charlevoix e Ruiz Diaz de Gusman, por exemplo, afirmam que A. leixo Garcia e um seu irmão, cu filho, encabeçaram em 1516, ou 1525, uma expedição ordenada por Martim Afonso de Souza, rumando àquem do Paraguai.

||E' falha tal referênciã, que um confronto de datas invalidas, pois Martim Afonso de Souza, nomeado governador das terras do Brasil em Novembro de 1530, só aportou em S. Vicente depois e haver explorado o litoral, do cabo de Santo Agostinho á Cananea.

Certo é que, no correr daquelle século, algumas expedições subiram o rio Paraguai, a primeira dirigida por Juan Ayolas, em 1537, e que atingiu o porto que denominou CANDELARIA, situação do Forte Olimpio actual.

Posteriormente Cabeça de Vaca, Nufio Chavez, Diaz Melgarejo, e outros, palmitilharam largos trechos a montante com insucessos geradores de desânimo, e assim a occupação de Xerez, á margem do rio Aquidauana.

A' medida que as incursões espanholas se restringiam a outros campos, mais limitados, a gente pirapitininga iniciava as formosas entradas pelos sertões e que ficaram capituladas pela designação de PANDEIRAS.

Conduzidos a princípio pelo empenho de conquista do gentio, de cujo braço precisavam, os heróicos bandeirantes não mediam as distâncias e nem calculavam as privações; atiravam-se ao acaso, desassembreadamente, através, a espessura das matas, transpondo rios, vencendo cachoeiras, escalando montanhas, sempre dispostos aos contratemplos.

Recolhiam por toda a parte as legendas e história dos índios, explica João Ribeiro, e se era necessário descer um grande curso d'agua, não contavam o tempo. Nada os detinha, nem os desfiladeiros e precipícios, nem a sede e a fome, nem as comecções da natureza, ou a fadiga do espirito.

Assim levaram as suas conquistas ás reduções dos jesuítas, e foi nos o periodo que des-

A esta phase está ligado -- Manoel Corrêa, o primeiro que penetrou até a zona matogrosense, à margem do rio das Mortes, junto ao aldeamento dos Araés, e Bartholomeu Bueno da Silva. Ao cenário emergem, após, Antonio Pires de Campos e Paschoal Moreira Cabral, com percuro Paraná-Paraguai pelo rio Pardo e o seu afluente Anhanduí-guassú.

Não oferece dúvida que Pires de Campos, em 1718, passando do rio Paraguai para o S. Lourenço e deste para o Cuiabá, chegou até à barra do Coxipó-mirim. Paschoal Moreira Cabral, que lhe vinha acompanhando o itinerário, eo no ano seguinte prosseguiu montante a sua marcha.

Da CASA DE TELHA acima, na distancia de alguns kilometros, veios auríferos afloravam às margens; na paragem em que as aguas do Coxipó se bipartia, formando a extinta ilha do Capitão MOR a colheita do ouro fez-se a contento.

Desse modo nasceu a povoação Ferquilha, a primeira que se formou no Estado, e o seu desenvolvimento se fez tão rápido que já em 1721 possuía uma capela dedicada a N. S. da Penha de França, e em 1721 de Ferventeiro desse ano officiou pela primeira vez o padre Jeronimo de S. João.

As chamadas MINAS DO SUT L vieram, porém, transmutar os acontecimentos. Desce bertas em 1722 a pujança da colina do Rosário arrastou a antiga povoação para as novas lavras, que recebeu a denominação de Cuiabá, do rio mais próximo.

Falam do progressivo alento da povoação os números que correspondem à circunscção dos QUINTOS. Eram em vila a 1. de Janeiro de 1727, o balcão da Provedoria Geral da Fazenda já suscitava, nessa mesma anno, a receita de 35.210 oitavas pouco mais ou menos a averguar, neste ligeiro relato, a evolução da URBS.

Estas linhas objetivam focalisar a contribuição de Cuiabá no engrandecimento nacional. E' a Cidade Monumento, e lhe coube o balzamento da grandiosa obra de irradiação para o occidente.

O Brasil lhe deve a soberania das extremas guaporeanas, e as raias que definem as lindes guaranis.

Pretender apresentar o professor, historiador, professor e jornalista Rubens de Mendonça é, como vemos no prelado assinado pelo Dr. Leal de Queiroz no livro "Sagas e Grandes de Minha Terra Natal", recentemente lançado pelo insigne cutabano, "tentar apresentar o óbvio". Sim, porque Rubens de Mendonça, que com muita justiça faz parte da Academia Mato-Grossense de Letras, da "Associação Mato-Grossense de Imprensa" e tantas outras entidades intelectuais é, indiscutivelmente o mais versátil e completo escritor de Mato Grosso, isso não é surpresa, pois o "Rubinho", como é chamado na intimidade, segue fielmente os passos de seu grande mestre, o historiador Estevão de Mendonça seu genitor.

Claramos aqui as obras já trazidas a lume pelo Insigne RM seria apresentar uma lista interminável de produções literárias, que abrangem todos os campos, desde a história até as poesias e os romances. Basta dizermos que no ano passado foram realizadas «Ruas de Curitiba», «Sagas e Grandes de Minha Terra Natal» «História do Poder Legislativo». Neste ano já preparou «História da Literatura de Mato Grosso», que se encontra no prelo como também a 2a. edição de «História de Mato Grosso». Atualmente o renomado escritor encontra-se atarefado na conclusão dos originais de sua «História da Revolução de Mato Grosso» obra de grande folego que deverá ser lançada ainda antes do fim ano.

Este é pois o consagrado cuterraneo que nos honra com sua colaboração, prometendo trazer sempre que o tempo lhe permitir, interessante colaboração para a GAZETA DE MATO GROSSO, numa homenagem a valorosa população do hinterland Mato-Grossense.

Pedi-me o meu amigo Rolando Guerra um artigo de apresentação do seu jornal que circula na cidade de Rondonópolis.

A Imprensa o jornalismo é uma profissão ingrata. Quantos dissabores não passa um jornalista, as vezes por publicar uma simples notícia?

As vezes se dá um escândalo social

o fato. No dia seguinte no mínimo que recebe uma descompensura pelo telefone, isso quando o Reporter está com muita sorte.

A notícia imparcial é o que interessa ao publico. Antigamente os jornais gastavam páginas e páginas com o célebre «Artigo de fundo», hoje o «Artigo de fundo» caiu em desuso. Hoje jornal é notícia, exclusivamente notícia, seu dever é informar o leitor o que passa no mundo. O sensacionalismo disvirtua a finalidade da imprensa. Houve epoca em que os jornais políticos publicavam artigos que constituam verdadeiras ofensas pessoais. Hoje não.

A imprensa mudou. Quem escrever jornal nesse estilo, não terá leitor. A modificação se operou no Brasil e no mundo.

Quais os jornalistas não foram espancados, corridos, ou assassinados? O jornal é uma arma de dois gumes.

Se não fosse a imprensa mal orientada, muitas vidas teriam sido poupadas.

É nosso dever, de nós todos, jornalista com J matuculo, combater a imprensa «mafron» das chatagens, essa não foi a imprensa sonhada por Gustavo de Lacerda, o Jun-ssa e nem por Herbert Moses.

Hoje o jornal moderno é uma empresa comercial onde trabalha grande número de pessoas nas suas diversas seções. O da-

Tesouraria, Almoxtarifado, Eletricidade,
Expedição, Telefonica, Restauração, Servi-
ços Médicos, Portaria, etc.

Isto naturalmente na imprensa dos gran-
des centros-Rio de Janeiro e São Paulo
nós aqui em Mato Grosso, lutamos com os
maiores sacrificios para manter um jornal
isto sim é que o Monteiro Lobato deveria
ter chamado de heroismo dos tempos mo-
dernos. Os nossos jornais para se mante-
rem lutam com toda a sorte de dificuldade.

A composição é quase sempre manual.
Pouca publicidade e mal paga e ainda
sofre a concorrência da Radio (imprensa
falada) e da televisionada. A vantagem da
imprensa escrita, e falada ou televisionada
é que a noticia do rádio ou da televisão
vive apenas o momento em que é vista ou
escutada, da imprensa escrita fica através
dos seculos.

Uma nota divulgada pelo radio ou te-
levisão vive apenas aquele momento, e a
escrita faz história.

Mas, meu caro Relando, para a minha
orientação pessoal tomei como lema estas
palavras do grande Rui Barbosa: Todo
o bem que haja dito e se dizer da imprensa
ainda será pouco, se a considerarmos livre
isenta e moralizada. Moralizada, não tra-
sige com abusos. Isenta não cede a seduções.

Livre não teme os potentados.

Para mim, este conceito encerra a
verdadeira finalidade da imprensa,

Desejo ao seu jornal exito e vida
longa para servir Mato Grosso e o Brasil.

Plantador de cidade

Uma cidade que surge é como um astro novo que se acende na esperança de quem a cria, nos desejos da Pátria que a recebe.

Quando, em 1915, há 59 anos, o então Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon agradeceu as homenagens que lhe prestava o povo cuiabano, pela conclusão do serviço de Linhas Telegráficas, ligando Mato Grosso ao Amazonas, pronunciou um discurso profético. Dizia naquela ocasião o insigne brasileiro, falando sobre o futuro de Cuiabá.

“Cuiabá”, dizia ele, “a cidade mais central da América do Sul, poderá vir a ser a cidade mais movimentada do Brasil Central, quando o programa do Governo chegar um dia a se realizar; então ela virá a ser o ponto de convergência das grandes estradas de ferro, fatalmente destinadas a serem o escoadouro das poderosas riquezas do solo patricio.

“Com efeito, quando a Noroeste do Brasil, a estrada de ferro goiana, a Sorocabana e as duas grandes estradas do Noroeste e Nordeste matogrossenses do projeto da rede férrea brasileira, ligando todos os quadrantes do mundo industrial matogrossense, atingirem esta Capital, e, numa irradiação comercial excepcional, despejarem para todos os cantos da Terra, através dos portos de Santos e do Rio de Janeiro e do prodigioso rio Amazonas, os produtos do labor matogrossense, Cuiabá terá, de fato, atingido a sua idade de ouro e Mato Grosso correspondendo às expectativas da Nação”.

Essas palavras proféticas do grande Marechal Rondon começam a se tornar realidades.

Hoje, em plena selva amazônica, nascem cidades com a SINOP.

O Sr. Ênio Pipino, com o mesmo arrojo dos bandeirantes do século XVIII que perlustraram as florestas bravias do Mato Grosso, hoje realiza a conquista profetizada por Rondon, em 1915.

Com os seus oitocentos habitantes a nova cidade recebeu o ministro do Interior, o Sr. Rangel Reis.

Foi um dia festivo para a localidade.

O ministro do Interior, compreendeu a atuação da iniciativa privada na colonização da amazônia, na fixação do homem ao solo, na conquista do Brasil para os brasileiros, finalidade principal da empresa dirigida por Ênio Pipino, a SINOP, que num esforço sobre-humano está integrando ao Brasil aquela região a qual Alberto Rangel denominou "INFERNO VERDE".

Em sua oração, o Sr. Rangel Reis disse: "Se o Governo Federal não se dispuser a dar todas as garantias ao empresariado, investir na amazônia continuará sendo uma grande aventura".

Afirmou S. Exa. a disposição do governo central de resolver o quanto antes problemas fundiários existentes em algumas regiões do país — inclusive Mato Grosso —, preconizando para tal uma ação conjunta de seu Ministério, através do INCRA, e mais o da Justiça.

Assim sendo, Ênio Pipino vê concretizado o seu sonho.

Ênio Pipino não escreve história. Faz a história. Escrever história é relatar os fatos realizados; fazer história é fundar cidades, contribuindo assim para o crescimento do Brasil.

A Ênio Pipino se ajustam perfeitamente aqueles versos de OLAVO BILAC, no seu poema dedicado a FERNÃO DIAS PAES LEME

Cuiabá de Outrora

Foi na residência do Coronel Antonio Paes de Barros. Totó Paes. 31 de dezembro de 1904, era instalado solenemente em Cuiabá, o CLUBE INTERNACIONAL, fundado a 12 de abril daquele ano.

A festa de instalação foi uma das mais brilhantes que já houve nesta cidade. Casacas e vestidos de cauda, ainda modelo da entrada do século, 1900. Casaca era vestuário cerimonioso para homem, em geral de fazenda preta e com abas que não chegam à frente; a casaca era o traje para os atos solenes. O vestuário feminino era salas de imenso roda, onde somente aparecia a ponta do sapato, e caudas varrendo o chão.

O CLUBE INTERNACIONAL não era apenas um CLUBE recreativo. Realizava também conferências literárias, concertos e danças. O programa daquela noite foi o seguinte:

1ª PARTE

1 — Le délire de Racine, para piano forte. Senhorita Luiza de Moraes e Souza.

2 — Calme de oir. Revirie para mandolinos, flauta e piano. Mmes Soares e Addor, senhoritas Cecilia Velasco, Adélia Pitaluga e Judith Cattina, e Sr. Otávio Pitaluga.

3 — Attila, de Verdi, para canto e piano. Mme Wanderley e Sr. Anenor Corrêa.

4 — Aroldo, de Verdi, para piano a quatro mãos. Mme Monteiro Werlangieri e senhorita Hercília — Monteiro.

5 — Il cadeto di Guascogna — Trio para violino, flauta e piano forte. Srs. Emilio Hainé, Anenor Corrêa e Dr. Santos.

2ª PARTE

1 — Capriccio espagnol, para

forte. Mmes V. de Soares e Addor, senhoritas Adelina Viegas, Cecilia Velasco, Adélia Pitaluga e Judith Cattina, e Sr. Emilio Hainé.

3 — Serenata, de Schubert para canto, mandolino e piano forte Mme Wanderley, senhorita Cecilia Velasco e Sr. Anenor Corrêa.

4 — I vespri siciliani, trio para piano, violino e flauta.

5 — Le barbier de Seville, Quator para violino, violoncello, flauta e piano. Srs. Emilio Hainé, Januario Rondon, Dr. Santos e Anenor Corrêa.

O baile foi animado até alta madrugada do dia 1º de janeiro de 1905. A dança principal era a quadrilha, dança de origem francesa, bastante movimentada. Sua música, repartida em cinco tempos, e geralmente anotada da seguinte maneira: 1º tempo, a dois por quatro ou seis por oito; 2º tempo, a a seis por oito; 3º, 4º e 5º tempos a dois por quatro. As figuras e passos da quadrilha são os mesmos da antiga contradança. Essa era dança da moda. O cavalheiro convidava a dama para dançar a quadrilha com antecedência. Quando a música dava sinal, estavam todos nos seus lugares. Formavam-se duas fileiras de vis-à-vis.

Eu apenas uma vez na vida vi dançar uma quadrilha. Quem marcava, em frances era José Rodrigues Palma Junior. Foi numa festa de Senhor Divino do Porto, na Lagoa.

O baile de CLUBE INTERNACIONAL foi realizado com Banda de música. Não se usa orquestras. JAZZ-BAND ainda não tinha sido inventado, mas se já existisse não

NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA MATO-GROSSENSE

RUBENS DE MENDONÇA

Memórias de Um Cuiabano

sempre fiz um julgamento erroneo a respeito do meu pai, historiador Estevão de Mendonça.

Considerava a sua vida uma vida tranquila, vivenciada em Cuiabá durante 75 anos. Pois ele veio para Cuiabá aos cinco anos, para não mais deixar a terra cuiabana com pequenos intervalos: ida a Nioaque, para visitar os pais, ida ao Rio de Janeiro, inclusive para fazer as "DATAS MATO-GROSSENSSES", ida a São Paulo, na Intervenção Julio Muller para defender o Brasil, do qual era advogado. No mais preferia ficar em Cuiabá, na sua janela contemplando, como um filiado à vida urbana, o espetáculo sempre novo da ondulante vida que vem e que vai, como muito bem disse o verso proferido na passagem do seu primeiro centenário a maior cultura do Estado, Desembargador Gerônimo de Almeida.

Como bem, meu Pai, não era como eu pensava um homem simples, com os sofrimentos, com as injustiças. Se ele tivesse vivido em Mato Grosso teria sido um nome de primeira ordem mundial. Tinha inteligência, cultura, capacidade de trabalho e o pior honestidade.

Eu como filho não efetivamente um homem simples. Eu como filho não devo julgar, mas ele fez mais por Mato Grosso do que toda essa corja de políticos velhacos e inescrupulosos que dominaram o Estado pelo espaço de um século.

O que ele conquistou foi com grandes sacrifícios. Em 1898 foi nomeado mediante concurso Professor de História e Geografia do Liceu Cuiabano. Em 1906 Diretor da Repartição de Obras Públicas. Em 1907 e assim sucessivamente. Não era e nunca foi um homem comum. Tomou por lema a frase do Barão de Melgaço: "A política não me serve, ou eu não sirvo para a política". Ele próprio confessa: Pratiquei o preceito, recusei-me três vezes uma cadeira de deputado à Assembleia Legislativa do Estado, e em 1917 a presidência do Estado, até 1932 a Intervenção Federal.

Quando sofria uma injustiça aguentava calado. Apenas registrava no seu diário "Memórias de Um Cuiabano", como pode não aparecer bem eu elogio-lhe. Não quero citar o grande escritor brasileiro MONTEIRO ALBUQUERQUE BATO: "A elite de Cuiabá é muito fina. Cuida muito da educação. Abundam homens de linda cultura e de profunda filosofia. Seria interessante fixar as reações de um homem como ESTEVÃO DE MENDONÇA diante de um cioso diamante Culliman perdido por lá, quando um velho carro meiro veículo acionado por um motor de explosão explodiu na cidade." Culliman é o maior diamante do mundo descoberto em 1905, perto de Pretória, e oferecido ao rei da Inglaterra, Eduardo VII, pela colônia da Transvaal.

Meu pai aceitava resignadamente as injustiças. Naturalmente ele me serviu de exemplo. Eu não as posso não reagir no momento por certas circunstâncias, mas guardo e espero o momento oportuno para voltar a reagir. Isso não herdei do meu Pai. No mais posso dizer como Rui Barbosa: "que sou de meu pai nasci exclusivamente, como a água que corre da água que correu. Esta palavra de que uso, em mim diminuiu a força dele, o maior orador que jamais conheci. Esta palavra, que tenho, não é mais que uma apagada sombra da sua. Esta paixão da liberdade, do direito e da justiça herdou-me ele, a mais justa das almas, o mais irredutível liberal que eu nunca vi. O amor da pátria, a insusceptibilidade da honra, a firmeza da vontade, o culto dos princípios, o desprezo dos perigos o fundo religioso dos sentimentos e das idéias, isso tudo é seu. De modo que a cada passo de minha vida, o que sinto do mais íntimo de mim mesmo, é meu Pai. Ele não morreu; em mim vive e reviverá enquanto alguma coisa de mim restar."

Só há uma divergência entre eu e meu pai. Ele não doava. E eu não perdoo: "a justiça dos bons consiste em perdoar. O justo não perdoo!" escreveu Guerra Junqueiro, e eu estou com meu velho e querido poeta português.

do

Executivo

Municipal

RUBENS DE MENDONÇA

Depois da proclamação da República, dirigiram os destinos de Cuiabá os seguintes Intendentes e Prefeitos

Intendentes:

| | |
|-----------------------------------|-------------|
| Manoel Escolástico Virginio | 1893 a 1899 |
| Manoel Teixeira Coelho | 1889 |
| Alfredo José Vieira | 1899 |
| José Viegas de Brito | 1899 a 1902 |
| Júlio Muller | 1906 a 1909 |
| Amarílio Alves de Almeida | 1909 |
| Horácio Vaz Guimarães | 1909 |
| Avelino de Siqueira | 1910 a 1911 |
| Manoel Escolastico Virginio | 1912 a 1914 |
| Hermenegildo Pinto de Figueiredo | 1915 a 1916 |
| José Antônio de Souza Albuquerque | 1916 a 1917 |
| Alexandre Magno Ador | 1918 a 1920 |
| José Antônio de Souza Albuquerque | 1921 a 1923 |
| Antonio Manoel Moreira | 1924 a 1926 |
| Hermenegildo Pinto de Figueiredo | 1926 a 1927 |

Com a reforma da Constituição do Estado em 1927, o Chefe do Executivo Municipal passou a ter a designação de PREFEITO e assim o primeiro Prefeito Municipal de Cuiabá, foi o Dr. Fenelon Muller.

Prefeitos:

| | |
|-----------------------------------|-------------|
| Fenelon Muller | 1927 a 1930 |
| Júlio Strubing Muller | 1930 a 1933 |
| João Ponce de Arruda | 1933 a 1934 |
| Benjamin Duarte Monteiro | 1934 |
| João Ponce de Arruda | 1934 a 1935 |
| Alvaro Pinto de Oliveira | 1935 a 1937 |
| José Antônio de Souza Albuquerque | 1937 |
| Isác Povoas | 1937 a 1941 |
| Manoel Miraglia | 1941 a 1945 |

O Marujo Poeta

Entre os manuscritos que meu Pai, hisitorador ESTEVAO DE MENDONÇA deixou, encontrei algumas cartas bilhetes e desenhos do Almirante ANTONIO CLAUDIO SOIDO. Entre eles havia um bilhete datado do "Palácio dos Protetores da Pregulça" e outro trazia o seguinte pós-escrito: "ontem passei o dia em companhia de uma Senhora D^a Dor de Cabeça que só me deixou pelas 4 horas da tarde. Que importuna mulher" Os desenhos então, eram muito interessantes, pena que já estão melos apagados.

Imagino SOIDO em Cuiabá, em 1857, noivo de D^a Maria Justina da Gama, noivo eterno, porque SOIDO faleceu com 67 anos de idade em estado de solteiro.

Cuiabá, em 1857, quando SOIDO chegou deveria ser uma terra horrível. Cidadizinha esquecida no fim do mundo, onde toda a gente falava mal da vida alheia. O espirito-santense aguentou firme, 32 anos de Cuiabá e nem pensava em se mudar. Teria sido por causa da noiva?

Não sei! Se há uma forma de heroísmo, SOIDO foi um herói.

Deveria ter sido D^a Maria Justina que o prendeu à terra cuiabana. Ele era um homem viajado já conhecida a Europa quando veio para Cuiabá, como Inspetor do Arsenal de Marinha e aqui ficou 32 anos. Procurei saber se ele tomava guaraná ralado. As crônicas nada dizem a esse respeito.

Como Diretor do Arsenal de Marinha e Comandante da Flotilha tomou parte na defesa da Província quando da invasão paraguaia. Graças a Marinha de Guerra Imperial Cuiabá não foi invadida. LEVERGER, SOIDO e BALDUINO JOSÉ FERREIRA DE AGUIAR foram as ante muralhas da defesa da terra do SENHOR BOM JESUS.

do Rio de Janeiro, porém duma capital de província.
NEM DE CUIABÁ..."

SOIDO era um homem culto de cultura clássica, erudito sem ser pedante. Traduziu o poema de Lord Byron "O Pirata" e escreveu: "Lembranças de Montevideo"; "A Menina Oriental" (poemeta); "A Visita de S.M. aos hospitais dos emprestados", (poemeta) e ainda traduziu "Para os Pobres" de Victor Hugo e o poemeta "Batel".

Em 1865, no mes de junho, o poeta marujo, não se deixava impressionar com as coisas da guerra que estava no auge, com o inimigo que ameaçava invadir a Capital da Província, SOIDO ainda se divertia e humoristicamente enviava versos à sua noiva acompanhado do extravagante presente de uma quarta de carvão, mas tão delicadamente ofereceu o presente que a prosaica quarta de carvão se transformou em mimo:

"Quando, senhora, vos envio ou dou-vos
Tão escuro presente,
Que idéia tive eu, que pensamento
Me atravessou a mente?
Do vegetal combusto oferecer-vos
Pulverulenta quarta!...
Mas deixai-me falar e após, senhora,
Ride até ficar farta.
D'água do mar, enjoativa, amarga,
Extrai o sol a chuva tão querida;
Em seu laboratório a terra muda
O vil adubo em condição de vida!
A arte humana, sombra da divina,
Também transforma escórias num tesouro,
E vós, que a possuís em al

valo com arreios de prata lavrada trajado de tafularias do reino, gibões de fazendas caras, calções de cores vivas, diria sem medo de errar: é ANTONIO DE ALMEIDA LARA, filho da Da. MARIA DE LARA, cuja casa diz genealogista PEDRO TAQUES: "uma de maior abundância de cabedais, de muito ouro, de muita prata, de muita escravatura". Esse rapaz desmiolado e esbanjador, pôs fora toda a herança paterna e viera para as Minas de Cuiabá em busca de nova riqueza. A fortuna lhe sorriu novamente. ANTONIO DE ALMEIDA LARA era o afamado fazendeiro da CHAPADA. Foi ele que introduziu em Cuiabá a cana de açúcar. Era um homem ilustre naqueles tempos coloniais. Foi na vida tudo o que quiz.

Nasceu rico, ficou pobre. Tornou-se novamente rico, perdeu tudo que tinha. Era um mão aberta. Muito gastador. Não ligava a dinheiro. Fazia as maiores despesas com as pessoas que visitavam sua fazenda na CHAPADA. E' ainda PEDRO TAQUES que conta: "que as muitas despesas feitas por ANTONIO DE ALMEIDA LARA reduziram-no à pobreza, mas em viagem por novos descobrimentos, em Mato Grosso, o seu cavalo tropeçou em um caixão de ouro, escondido por algum desconhecido que nunca o reclamou. Guardou para si esse tesouro, pagou as dívidas e reconstruiu a sua fortuna arruinada. Viveu solteiro e morreu em Cuiabá em 1750".

Era ALMEIDA LARA um homem muito estimado, por isso o Governador de São Paulo, Capitão General DOM RODRIGO CEZER DE MENEZES lhe conferiu a patente de Brigadeiro.

Uma das provas de que foi ele o introdutor da cana de açúcar em Cuiabá, basta consultar as "NOTÍCIAS PRÁTICAS DAS MINAS DO

O que descejampos p... que em 1727, ALMEIDA LARA já cultivava a cana de açúcar e fazia sua cachacinha. Virgílio Corrêa Filho, notável historiador mato-grossense, na sua magnífica monografia "INDÚSTRIAS MATO-GROSSENSSES" vem confirmar a nossa afirmativa dizendo: Se portanto, já existia o sitio de LARA com plantação de cana de açúcar mencionado em carta de sesmaria de janeiro de 26, comprovadas pelos testemunhos veridico de CABRAL CAMELO no ano seguinte. não poderá prevalecer a informação de BARBOSA DE SÁ, que assinala o inicio dos canaviais cuiabanos em 1728 quando já estaria em franca produção e engenho serano".

Portanto, sem sombra de dúvida, foi ALMEIDA LARA que introduziu a lavoura canavieira em Cuiabá.

ALMEIDA LARA vivia lá na CHAPADA fazendo seu açúcar e destilando a sua pinga até que um dia, lá pelos anos de 1735, o CONDE DE SARZEDAS, Governador e Capitão Geral de São Paulo, rumprindo as ordens de Sua Magestade, o Rei de Portugal, determinou a destruição dos engenhos de cana "tanto por atalhar o dano público como porque ha grande prejuizo da Fazenda Real como eu tenho segurado o que for do seu Real agrado tudo o que for do seu Real agrado não ha de faltar em cumprir e concorrer p.^a ele, fazendo se executem os seus preceitos e ordens".

ANTONIO DE ALMEIDA LARA foi brigadeiro das Minas de Cuiabá em 30 de dezembro de 1726, Governador Militar das Minas do Cuiabá, em 12 de julho de 1730, Guarda mór das Minas do Cuiabá, em 16 de julho do mesmo ano, Brigadeiro do Regimento das Minas do Cuiabá, em 24 de julho de 1733, Guarda Mór das Minas do Cuiabá, em 1 de novembro de 1740 e tinha